

## ROMANCISTAS NATURALISTAS

---

TEIXEIRA DE QUEIROZ

(Bento Moreno)

O escriptor cujo nome e pseudonymo acabamos de escrever, é julgado pela critica um artista de talento.

Elle tem o seu publico, os seus admiradores, a sua *claque* a applaudil-o sempre que publica uma obra, sempre que o naturalismo é discutido.

Nada mais consolador para quem aspira á gloria, mas tambem nada mais prejudicial, porque o seu espirito deixando-se embriagar com esses applausos, não progride, não tenta descobrir novos horisontes, consumindo-se no emprego dos mesmos processos uma vez adquiridos.

Ordinariamente quem conseguiu ser applaudido julga-se uma superioridade, sem pensar que além do seu publico pôde existir um outro com opiniões bem diversas, outra critica, outros gostos.

É exactamente o que se dá com o romancista em questão.

Teixeira de Queiroz não aceita para si outra critica que não seja a rotineira ou officiosa, que está bem longe de comprehender o moderno movimento artistico e os mais facéis problemas da esthetica contemporanea. Como n'essas apreciações apenas se louva a sua personalidade, o seu talento, cré ter attingido a maxima perfei-

ção da arte e agradável a todos que o lêem. D'isto provém o seu estacionamento artistico-litterario, como passaremos a mostrar.

\*

Teixeira de Queiroz tem publicado as seguintes obras: *Comedia do Campo*, comprehendendo tres volumes, e *Comedia Burgueza*, composta de igual numero, sendo o segundo de que nos não cumpre occupar n'este logar do genero dramatico, já sufficientemente analysado por um escriptor illustre <sup>1</sup>.

O primeiro livro da *Comedia do Campo*, que é uma serie de pequenos contos, impropriamente denominados pelo seu auctor « romances nacionaes » visto que só poderá ser classificado de romance o largo e profundo estudo do coração humano, fez-nos crêr na superioridade das suas futuras produções. Viamos que era uma bella estreia apesar do novo *conteur* naturalista nos fazer notar a pouca firmeza dos traços em algumas passagens dialogadas e descriptivas dos seus quadros campezinos.

Quando appareceu firmado com o pseudonymo de Bento Moreno o romance de costumes ruraes intitulado *Amor divino* (Estudo pathologico d'uma santa) sentimos esse jubilo produzido por uma boa esperanza, e fomos dos primeiros a saudar o novel romancista, mesmo antes de lermos este seu trabalho.

Estavamos então n'uma phase atrazada, iamos na corrente das admirações inconscientes. Lemos com agrado o livro, achamo-lo até primoroso, não o discutimos. — Que vulto litterario não vem a ser este Bento Moreno! — chegamos a proferir com uma convicção profunda.

Mas que differenças se não dão na vida do homem... O passado ainda que fosse o dia de hontem, differe muito do presente, principalmente o passado e o presente intellectual, porque em todos os momentos o individuo que estuda, o individuo que admira os progressos do seu tempo, tem alguma cousa que aprender, de-vido isso sem duvida á prodigiosa actividade do seculo.

Assim, pois, quando tivemos occasião de lér o primeiro volume da *Comedia Burgueza* — *Os Noivos*, já se havia dado em nós uma certa transformação mental.

Comparando então este livro com os precedentes concluímos

---

<sup>1</sup> Vid. o admiravel trabalho sobre o theatro moderno em Portugal, por Teixeira Bastos — *Revista de Estudos Livres*, 1.º anno, 1883-84.

que o escriptor de que nos occupamos, tendo-se apossado d'um processo artistico, entendia não o dever aperfeiçoar ou desenvolver, nem saber do ideal uma vez concebido.

Debalde diligenciamos pela revelação d'um progresso! Vimos que o romancista não comprehendia o movimento assombroso do naturalismo, e estamos certos que lhe não eram conhecidos os processos criticos e artisticos dos que emprehendiam em favor da nova escola uma verdadeira campanha.

Os seus trabalhos posteriores vieram dar-nos uma noticia, deveras muito agradável á politica avançada, mas muitissimo desanimadora para essa grande revolucionaria do sentimento que se chama simplesmente a Arte. Havia mais um romancista partidario da nova ideia, um artista demolidor, mas não um espirito progressivo no sentido esthetico.

Não são afirmações infundadas as que vimos de fazer. Desenvolvendo um pouco a nossa analyse d'esses volumes apreciados pela critica lisongeira, mas sem descermos á analyse dos detalhes, que mais deslustraria o escriptor, é facil de encontrarmos seguro apoio.

Na *Comedia do Campo* só ha um livro com proporções de romance, *O Amor divino*. É um caso de exaltação mystica tratado sob o ponto de vista puramente medico. Uma rapariga rustica fanatisada pelos missionarios é a protagonista; a sensualidade religiosa e uma nevrose, a hysteria, constituem o assumpto. Nota-se o estudo d'uma doença, sente-se o dedo do physiologista, mas não o do artista, porque a acção corre sem incidentes variados, monotonamente, como se assistissemos a uma pratica quaresmal. Tendo-se lido as notas rapidas do primeiro volume e lendo-se depois esta descripção do erotismo mystico, em que apenas se traçou uma scena commovente, a scena final, notamos um certo progresso scientifico em Teixeira de Queiroz, mas não o seu desenvolvimento esthetico. O romance de que vimos fallando comprehende um assumpto importante, um assumpto que explorado por um artista de genio daria a obra mais interessante e dominadora que imaginar se póde. Mas o romancista concebeu apenas um quadro acanhado em que se movem uns personagens sem ideal, em que transparece a analyse paciente, minuciosa, d'um cerebro fraco, d'um organismo doente, sentindo-se o emprego do escalpello anatomico com uma certa pericia, mas nunca o sopro da inspiração artistica. Modernamente a arte — essa grande transformadora do sentimento — inspirando-se nos problemas scientificos, alliando-se-lhes com affecto, nada perdeu, antes pelo contrario muito lucrou, porque novos horisontes descobriu mais bellos, mais favoraveis á sua missão civilisadora. A indagação e o amor da verdade não prejudicam o que

possue alma de artista, e tanto pôde ser iniciada scientificamente como artisticamente.

O modo de a observar e interpretal-a está nas tendencias do espirito que a procura. Vista á luz da sciencia illumina a razão, vista á luz da arte illumina o sentimento.

O phenomeno physio-psychologico que se estuda no segundo volume da *Comedia do Campo*, ficará como um tratado simples de pathologia especial e não como verdadeira obra d'arte, no sentido que ligamos á phrase, visto que nos deixa frios, segundo a expressão vulgar, e dever a concepção artistica ter por fim mais elevado o abalo da alma humana.

O romance *Os Noivos*, eis o trabalho mais applaudido de Teixeira de Queiroz ou Bento Moreno. A que visa este producto intellectual? Á demonstração d'uma these explorada por quasi todos os romancistas — o adulterio da mulher. — É o primeiro livro da *Comedia Burgueza*. N'elle se pretende retratar a sociedade contemporanea, com os seus ridiculos, com a sua educação falsissima. Os protogonistas são umas creaturas sentimentaes; alguns personagens secundarios movem-se no mesmo sentido. De Gustavo, Adelina, e o Dantas se deriva a acção, isto é, da sua indole e temperamento, actuando sempre o meio.

Ha evidentemente exagero em certos episodios, mas estes typos são verdadeiros. Todavia não é só a descripção dos caracteres que constitue o romance. É necessario pôl-os em conflicto com um problema social e moral. O mundo d'*Os Noivos* é visto e observado mais exteriormente; são excellentes cópias photographicas. O romance moderno é sobretudo um documento psychologico. A sociologia, sciencia nova, tem de o auscultar como fiel interprete dos sentimentos d'uma época e como poderoso auxiliar d'um dos seus ramos mais importantes, a psychologia. Analysados tambem debaixo d'este ponto de vista o qual devemos conservar sempre que procedamos á anatomia das obras que representam as luctas, os interesses e as paixões humanas, os trabalhos de Teixeira de Queiroz, penalisa-nos dizer, não exprimem o sentir da multidão apesar de obedecerem a um plano vasto, tornando-se portanto inuteis.

A classe dominante chamada a burguezia não é uma classe insensível, completamente estranha ás luctas intimas. Ella tambem sente as suas miserias, tambem tem as suas dôres, os seus dramas commoventes. O adulterio da mulher de Gustavo e a *philosophia* d'este levando o filho ao saber da fuga de Adelina com o pianista Dantas, são factos que bem mereciam ser profundados. Tudo se faz friamente sem uma nota que vibre. Não é só a ultima camada social que soffre e lucha.

Apesar de muito estafada a these do adulterio, o verdadeiro ar-

tista que ainda a quizesse explorar, não a desenvolveria como Teixeira de Queiroz. Quando lemos nas litteraturas estrangeiras romances magistraes tratando do mesmo assumpto, pasmamos da inferioridade dos nossos romancistas.

No romance *Os Noivos*, não ha situações que prendam o leitor, não se revelam qualidades pittorescas nem dramaticas; não ha esse relevo do quadro que attrae; o romancista não cria, é apenas um photographo.

Mas quem pretende retratar uma sociedade é necessario que a haja observado e penetrado para assim ficar sabendo que existem profundos contrastes. Não se exhibindo essa galeria para que insista a critica na affirmativa de que a *Comedia Burguesia* é a pintura da sociedade contemporanea? Assim, se de futuro alguém quizesse julgal-a pelos romances de T. de Queiroz sob este titulo, concluiria decerto que o adulterio estava em moda, que era cousa muito corrente e tolerada.

*Os Noivos* têm comtudo umas paginas dignas de menção especial; são aquellas em que se descreve a casa d'hospedes. É uma perfeita monographia e o romance ficava com um bello titulo se o auctor não preferisse outro.

Chegando ao fim d'este volume concluímos ainda que era fraco o ideal do artista tão applaudido. A mesma pobreza de fórma, a mesma pallidez e monotonia do quadro, a mesma ausencia de sensibilidade artistica.

Da leitura do *Sallustio Nogueira*, onde se dão acontecimentos que narrados por um verdadeiro artista emocionariam a alma humana, só nos ficou a impressão d'uma scena realmente bem descripta, por circumstancias muito especiaes proprias do meio em que o auctor vive. <sup>1</sup> N'este trabalho sacrifica-se não poucas vezes a observação aos exageros, como já evidenciámos; o espirito mordaz e a satyra dos costumes como uma preocupação demolidora, tiram todo o valor aos factos. É um trabalho de maior folego, mas que não accusa ainda, como era de esperar, um progresso esthetico.

Resta-nos ainda um livro, o terceiro da *Comedia do Campo*, de que muito pouco teremos que dizer. Nada menos digno de figurar entre as obras d'um escriptor de nome. Este volume compõe-se d'uma serie de contos, e foram exactamente os mais mediocres os preferidos por algumas folhas periodicas que os transcreveram. Bas-

---

<sup>1</sup> Vid. o meu estudo sobre este romance n'esta *Revista* — 1.º anno — 1883.

taria este facto para evidenciarmos o debil ideal artistico dos nossos litteratos e jornalistas. Como em todos os documentos do illustre romancista, n'estas suas narrativas figuram quasi sempre os mesmos personagens; conhecemol-os apenas pelos nomes e não pelo mesmo pensar e sentir. Elles n'um episodio exhibem-se d'um modo que não tinhamos observado n'outro. E comtudo o meio em que se movem é o mesmo, sem a menor differença. Em qualquer situação que se encontre um personagem com traços característicos bem definidos, elle nunca poderá furtar-se aos sentimentos que o dominam.

No terceiro volume da *Comedia do Campo* ha um só conto digno da nossa attenção: é o *Antonio Fogueira*, — que prima sobretudo por duas scenas de verdadeiro effeito dramatico. Referimo-nos á scena do jogo n'uma taverna, e á do assassinato d'aquelle moço estouvado. Mas, poderá ser considerado um artista não vulgar quem, tendo escripto meia duzia de livros, apenas nos dá algumas paginas que nos impressionam ?

\*

Teixeira de Queiroz entrou no movimento naturalista inconscientemente. Offerecendo ainda a Camillo Castello Branco um volume seu, manifesta-se um espirito admirador dos velhos processos romanticos apesar de ter em mente o vastissimo e assombroso plano de Balzac applicado á sociedade portugueza. Bento Moreno quiz inspirar-se n'este genio, como Eça de Queiroz em Flaubert, não conseguindo assimilar mais do que as exterioridades. Falta-lhe o genio, o poder creador, a imaginação — essa faculdade mestra do romancista — como diz Taine. Teixeira de Queiroz póde lêr muitissimas vezes o seu romancista predilecto, o grande Balzac, mas nunca se encarnará nos seus personagens como elle, porque não possui um temperamento de artista.

Julio Diniz, que é bom recordar sempre, inspirando-se nos romancistas inglezes, teve d'elles uma comprehensão profunda; sentiu-os, e como artista delicado, soube dar aos seus formosos quadros esse relevo encantador, essa fôrma inimitavel.

Teixeira de Queiroz não escreve com paixão artistica, escreve apenas para se entreter, para dar um certo exercicio ao pulso. Elle não sente os acontecimentos que fazem vibrar a nota humana; não exprime nunca o sentir da multidão. A mordacidade é que parece agradar-lhe, a satyra dos costumes e nada mais, é a sua feição especial. E os episodios ainda os mais tristes e commoventes hão de ser interpretados sob este ponto de vista ! Protestamos em nome da arte.

Accusar-nos-hão talvez de apaixonados, mas ficamos com a consciencia de termos exprimido o resultado d'uma analyse. Aos que não quizerem concordar com a verdade aqui expressa, com a justiça que fazemos a este escriptor, recordaremos apenas que o genio do artista não é outra cousa senão o exercicio da sensibilidade a mais viva e a mais profunda, no dizer de Lemercier, e que em litteratura toda a perfeição da arte consiste em mostrar tão ingenuamente a simples natureza que nos pareça tocal-a e sentil-a. Em que paginas dos volumes analysados se revelam estas qualidades? Nem mesmo os defeitos proprios dos espiritos géniaes.

Teixeira de Queiroz não escreveu ainda uma obra d'arte duravel, um capitulo todo attrahente; as suas descripções são fastidiosas; nos seus quadros nota-se a completa ausencia de gradações de tons; não possuem o vigor do colorido, a variedade de phases, de côres, a exhibição dos contrastes eternos, indispensaveis á peça artistico-litteraria para que possa attrahir e dominar.

Mas como a arte tambem se adquire pelo estudo e exercicio, é muito possivel que o romancista de que nos temos occupado, embora não seja uma organização artistica, consiga um dia dar-nos um trabalho surprehendente, como já conseguiu, sem duvida pela pratica, escrever algumas paginas felizes. Seremos então dos primeiros a applaudil-o, como hoje a notar á critica e ao seu publico inscientes a sua incapacidade para o julgamento das concepções artisticas.

REIS DAMASO.

# DIALECTOS BEIRÕES

---

## V

### LINGOAGEM POPULAR DE TABOAÇO

Taboaço é uma villa da Beira-Alta (districto de Vizeu). As pessoas de quem obtive os materiaes que constituem o presente estudo nascêrão lá. Estes materiaes são tanto mais genuinos quanto é certo que a maior parte d'elles provém de uma creança ainda não influenciada pela falla de outras terras. Tive tambem o cuidado de comparar a lingoagem da creança com a de adultos da mesma localidade.

Como pude obter alguns textos populares, publico estes em primeiro logar. Depois analysarei os seus phenomenos grammaticaes juntamente com os que recolhi avulsos.

1. DONA SYLVANA (romance):

1. Indo Dona Silvana  
Pelo <sup>1</sup> corredor a cima,  
Tocando numa guitarra,  
Oh! qué tão bái la tangia!  
Acordô seu pae da cama
5. Ô-b-istrondo que fazia:  
— Qui é isso, ó Silvana,  
Qui é isso, filha minha?

---

<sup>1</sup> O *e* (tonico) de *pelo* soa como o *e* de *velar*. Faço ésta observação porque na lingoagem vulgar diz-se *púlo* ou *p'lo*.



- Não é nada, ó meu pai...  
Qu'eu chorasse, rezão tinha.
10. De sete manas qu'eu tenha  
Stão cazadas, tem familia,  
Eu, por sé' la mais bonita,  
Ó cantinho ficaria.
- Já corri os <sup>2</sup> palacios todos,  
15. Não achei pessoa igual a ti;  
Stá 'hi o condi Alberios,  
Stá cazado, tem familia.  
— Mandi-o chamar, ó meu pai,  
Da sua parte e da minha.
20. Ind'á palavra nóm staba bem dada,  
Já o <sup>3</sup> condi á porta batia :
- Que quer bóssa mājestár, <sup>4</sup>  
Que quer bóssa sinhoria?  
— Quero que mates cõndessa,  
25. P'ra cazar's cõm minha filha.  
— Eu cõndessa nóm na mato,  
Q'ell'á morte nóm mer'cia.
- Mátà, <sup>5</sup> conde, mátà, conde,  
Antes d'est' áde-Maria : <sup>6</sup>
30. Trás-mi a cabeça  
Nêsta doirada bacía.  
O conde foi pera <sup>7</sup> caza  
Cõm mais triste <sup>8</sup> q'alegria.
- Anda cá, ó homem meu,  
35. Anda cá, ó alma minha :

<sup>2</sup> Este verso mede-se assim :

Já corri os palacios todos

isto é, o *i* de *corri* com o *o* seguinte fôrma um ditongo *iu* analogo ao que em algumas terras (Porto, etc.) se ouve em *fugiu*.

<sup>3</sup> Lê-se *jáu* (ditongo). — Aqui ha illusão da narradora : como se vê do verso 46, trata-se de um rei, e não de outro conde.

<sup>4</sup> Verifiquei umas poucas de vezes. Não ha dúvida que a creança que me dictou este romance dizia *mājestar* (= majestade). Provavelmente ha aqui mais uma influencia de outra palavra do que uma evolução phonetica.

<sup>5</sup> *Mátà* por *mata-a*. É a pronuncia normal.

<sup>6</sup> *ade-Maria* por *ave-Maria*. Muito vulgar na Beira-Alta.

<sup>7</sup> Em *pera* ouve-se um *e* surdo como em *cegar* ; não se diz *p'ra*. Tenho ouvido *pera* em muitas partes, no Norte. O accento tonico cae no *e*.

<sup>8</sup> O adj. *triste* faz as vezes de *tristeza* neste verso. A causa de tal irregularidade foi de certo a metrificacão, pois que nos versos 36 e 42 diz-se *tristezas*.

- Conta-m'as tuas tristezas,  
Como contas d'alegria.  
— Anda lá per'ó <sup>9</sup> quintal,  
Só lá é q't'as contaria. <sup>10</sup>
40. — Anda cá, ó homem meu,  
Anda cá, ó alma minha :  
Conta-m'as tuas tristezas,  
Como contas d'alegria.
- Anda lá per'ó leiteiro, <sup>11</sup>
45. Só lá é q't'as contaria :  
Mandô dezê-lo rei  
E mais tambem n-a rainha  
Que te matasse  
Pera [eu] cazar co'a filha ;
50. Que le lubasse a cabéça  
Nêsta maldita bacia.
- Anda cá, filho mais bêlho,  
Que te quero insinar,  
Logo tãis uma mãi nôba,
55. Pera le saber fallar, <sup>12</sup>  
Cóm teu joelhinho no chão,  
Cóm teu chapeuzinho na mão :  
« Vanha cá, minha mãi nôba,  
« Bóte-m'a sua benção ». <sup>13</sup>
60. Anda cá, filho do meio,  
Que te quero insinar,  
Cóm teu joelhinho no chão,  
Cóm teu chapeuzinho na mão :  
« Vanha cá, minha mãi nôba,
65. « Bote-m'a sua benção. »  
Mama, mama, meu menino,  
Este leite dâmargura, <sup>14</sup>  
Q'amanhé, por éstas horas,  
Já me hés na sepultura.

<sup>9</sup> *per'ó* = *pera o*. O *a* final de *de pera* e o *o* fórmão crase.

<sup>10</sup> *q't'as* = *que te as*. — O verso lê-se: *só lá | é q't'as contaria*. O acento oratorio recáe no *lá*.

<sup>11</sup> Não me souberão dizer a significação de *leiteiro*. Talvez ésta palavra esteja em vez de *lenteiro*.

<sup>12</sup> Lê-se *pe-ra le* etc. Vid. not. 7.

<sup>13</sup> *benção* é oxytonica

<sup>14</sup> = *da* amargura. Cf. not. 5.

70. Tócão-s'os sinos na sé,  
Ai Jazus, quem morreria!  
Foi o rei e á rainha,  
Tod-á sua fôntezia, <sup>15</sup>  
Por descazá'los bem cazados,  
75. Coisa que Deus nóm queria.

## 2. CANTIGAS :

- Péga-i-éste cabaços,  
Bai regá'la tua hórta,  
S't'élla dixer que não,  
Bai bater áquella pórtá.
80. Péga-i-éste cabaços,  
Bai regá'lo teu jardim,  
S't'élle dixer que não,  
Bai bater ó par de mim.
- Ó meu amor, dá-t'ó mundo,  
85. Q'eu ó mundo já me dei ;  
Dá-m'as tuas libardades,  
87. Q'eu as minhas já t'as dei.

Farei agora o estudo grammatical, segundo o meu methodo do costume em trabalhos analogos :

## A) Phonologia

1. A pronúncia do *s* inicial de syllaba, de *ss*, e bem assim de *ç*, e de *c* antes de *e* ou *i*, é, tanto quanto pude verificar, egual á de Mondim da Beira e outros pontos da provincia. O *s* final, em pausa, ou antes das consoantes surdas, é mais attenuado. <sup>16</sup>

2. Ao primeiro *s* corresponde a sonora respectiva, *z*. O *s* tem o valor de *z* antes de consoante sonora, e entre vogaes.

No fim das palavras em pausa o *s* e *z* tem ás vezes o valor de sonora, isto é, de *z* attenuado (o que é contrario á pronúncia vulgar do portuguez onde não ha *z* final) : por causa de não haver dúvida representarei este valor por *zz*, e escrerei *luzz* (=

<sup>15</sup> *fôntesia* é uma fôrma esporadica : *phantasia* ?

<sup>16</sup> Encontrei porém uma excepção na palavra *sete*, cujo *s* a creança minha informadora pronunciava como o *s* do Porto.

luz), *fumozz* (= fomos), etc. — Como explicar este som? Talvez por meio de um *e* final em que o povo costuma apoiar todas as consoantes em pausa (ex. *azule, mare*); vinha pois a ser a série: *fumos, fumose, fumozz*. Confirmação isto as palavras *Jazuze, Deuze*. Vid. *Vocabulario*.

\*

Para mais clareza resumo num quadro estes valores :

<i>Surda</i> .....	<i>s</i> inicial, <i>ss, ç c(e), c(i)</i> ; <sup>17</sup>
<i>Surda attenuada</i> .....	<i>s</i> final de syllaba antes de consoantes surdas ( <i>c, f, p, q, t</i> ), e em pausa; <sup>18</sup>
<i>Sonora</i> .....	<i>z, e s</i> antes de <i>g, v, b, d, m, n, l</i> e vogaes; <sup>19</sup>
<i>Sonora attenuada</i> ....	<i>zz</i> . <sup>20</sup>

3. Tanto quanto pude verificar, as vogaes e ditongos nasaes não se gutturalisãm como em alguns pontos do dominio do dialecto minhoto; em todo o caso o *a* nasal final é menos resonante que o *a* medial, o que eu represento por *ã*. Ex. *maçã*, mas *maçanzz*; *irmã*, mas *irmanzz*; diz-se porém *monte, campo, jardim, bom*, etc., como noutros pontos da Beira.

4. Existe em Taboço, como em todo o Norte, a fricativa palatal surda (*ch* castelhano) correspondente ao *ch* da orthographia usual; assim *chão, chapeu*, etc., pronunciaõ-se quasi como *tchão, tchapéu*, etc. — Mas existe tambem o som *x* em outros casos.

5. a) Como em Castello-Rodrigo (vide *Dialectos beirões*, II, §. 4), dá-se em Taboço a iotisação, e por isso se diz: *bou à-i-eira, bou d-i-agoa, é-i-ella*. É para evitar o hiato. Este evita-se tambem, intercalando um *u*, como no seguinte exemplo que colhi, ha annos, em flagrante: «ólhe, vê-u-a (= vê-a)». Parece-me que este *u* só se intercalará depois de uma palavra que acabe em *a* ou *e* tonicos, e antes do pronome enclitico *a*. [Assim diz-se em Mondim: *jdu a vi* (= já a vi), *éu a mesma* (= é a mesma). O meu amigo, o professor Julio Moreira disse-me que prepará um artigo sobre este assumpto].

b) Um *i* se desenvolve tambem antes da palatal *j*, ex.: *Sã*

<sup>17</sup> Ex.: *sapato, caça, certo, cima*.

<sup>18</sup> Ex.: *as portas, as facas, as teimas, casca*.

<sup>19</sup> Ex.: *caza, as luzes, as armas, etc*.

<sup>20</sup> Ex.: *Maiazz* (= Máias), *reizz* (= reis).

*José, Sã João* (mas *Sã Luiz, Sã Bernardo, Sã Gonçalo, Sã Barnabé*). É provavel que o mesmo *i* se desenvolva sempre antes de *x*, pois que se diz *eu truíxe, eu tróixe, elles tróixerão-lo* (mas *tu trócestezz, nós trócemo-lo*, etc.).

c) As seguintes palavras apresentam um *i* antes da dental surda *t*: *Sã Bãito* (= *S. Bento*), *jãitar* (= jantar), *ãites* (= antes), *vãitre* (= ventre), *vãito* (= vento), *cãite* (= quente).

6. A nasal *ã* é mais ou menos absorvida na nasal seguinte: *Sã Mathias, Sã Macario, Sã Narciso* (= *Sã*, etc.).

7. Na palavra *cerãija* (= cereija) desenvolve-se um som nasal antes de *j*. O mesmo em *ãijo* (= anjo)<sup>21</sup>.

8. Ha a terminação *óm*, ex.: *bóm* (mas não *bóum* como noutras partes do Norte), *tóm* (não *tóum*), *sóm* (não *sóum*), etc.

9. Na palavra *hóme* (= homem) ha um *ó* fechado.

10. O ditongo *ou* da lingoã escrita soffre na lingoagem de Taboaço diversas transformações, como tenho observado varias vezes:

a) condensa-se em *ó*, ex.: *óço* (= ouço), *póco* (= pouco), *móco* (= mouco), *lóco* (= louco), *Taróca* (= Tarouca), *açógue* (= açougue), *óbe* (= ouve), *róco* (= rouco), *óro* (= ouro), *acabó* (= acabou), *nóte* (= noute), *pósada* (= pousada), *róbar* (= roubar), *ótro* (= outro);

b) muda-se em *ói* (como em grande parte do districto de Vizeu), ex.: *óiteiro, dóido, cóiro, óitro, sóito, móita, cóive, óiriço, Cóito, biscóito, lóica*;

c) condensa-se em *ò* em: *ògado, òbido, òbir*.

Mas, como de ordinario acontece na pronúncia popular, ha neste tractamento de *ou* muitas incertezas: assim, umas vezes em Taboaço ouve-se *óro, Dóro, nóte*, outras vezes *óiro, Dóiro, nóite*; umas vezes *sóu alto* (com *ou* antes de vogal, isto é, coberto), outras vezes *só alto* (nas mesmas condições), e igualmente *eu dó, eu dóu isto, elle acabó, elle acabou isto*, etc. Numa carta ms. pop. da localidade encontrei mesmo *peessoa* (= pessoa).

Cf. *Dial. beirões*, I, §. 2; II, §. 3; IV, §. 1.

11. Ha um ditongo nasal *óum* (isto é, *óu* nasal) resultante de uma crase em *sóum ainjo* (= *sóu um anjo*).

12. É aberto o *o* em *óssó* (= osso), *gróssó* (= grosso), *óbo* (= ovo). Cf. *Dial. beirões*, IV, §. 2. — É ainda aberto em *óccazião*, como vi num ms. popular de Taboaço.

13. O grupo *iu* de *fugiu* é um ditongo; e por tanto distincto do *io* de *tio* (ti-o), que é disyllabo. Cf. not. 2.

<sup>21</sup> Tambem ouvi a gente de Taboaço *sãigue* (= sangue).

14. As terminações *-elho*, *-elha* são *-êlho*, *-êlha*: *juêlho*, *urêlha*, *ubêlha* (= ovelha); excepto *vêlho*.

15. Por influencia das labiaes, *e* atono mudou-se em *u* em *subola*, *pruparar*, *lubar* (v. 50), e em *a* em *libardade* (v. 86). — Phenomeno vulgar no paiz.

16. Em *mai'novo* (= mais novo) e *mai'nada* (= mais nada) houve assimilação de *s* a *n* e quêda d'aquelle. A mesma assimilação se dá em *deixarei-lo* por *deixareis-lo*. Egualmente em *sê'la* (verso 12) por *ser-la*. No verso 47: *Tambem n-a* (= Tambem la). Tudo isto são phenomenos da lingoagem vulgar. — A gente de Taboaço tambem ouvi *colhé larga* (= colhér larga).

17. Em *interno* por *iterno* (i. é, eterno), o *i* atono inicial nasalou-se, como acontece frequentemente na Beira.

18. Forma-se o dit. *éu* na junção de *é* com o art. *o*.

19. No verso 5 lê-se *ô-b-istrondo* (= ao estrondo). Não ha erro, como eu verifiquei bem. Aquelle *b* talvez se possa explicar por uma consonantisação analogá á que se dá em *Santa Ovaia* (vid. o meu art. *Onomatologia portuguesa*, § 13, in *Rev. da Soc. de Instr. do Porto*, vol. III); seria a série: *ao istrondo*, *du istrondo* (como se diz algures), *ôu istrondo* (idem), *ôb istrondo*.

\*

Vão indicados outros phenomenos phoneticos adeante e nas notas aos textos.

## B) Morphologia

20. ARTIGOS. *a*) Nos textos lê-se *la*, v. 3, por *a*. É uma fôrma archaica que apparece muito nos romances. Aqui talvez se conservasse por causa da nasal precedente. — Na lingoagem ordinaria de Taboaço diz-se porém *a*, *o*. — Quando se repete o artigo numa phrase, ao segundo artigo antepõe-se um *a* (como uma verdadeira expletiva) que de ordinario fôrma crase com elle, ex.: «o pão e *o* vinho», «a colher e *a* faca». [Este phenomeno observa-se numa grande parte do paiz, não porém em Mondim da Beira]. A seguinte phrase, que apanhei em flagrante a uma mulher de Taboaço, contém ainda o *a*: «*Stârrefêcer a-i-auga e *du* almoço*» (= está a arrefecer a agua e o almoço). — A evolução foi: *ao*, *du*, *ou*, *ó*; a phrase antecedente mostra uma das phases d'esta evolução.

*b*) Ha apherese do *a* de *uma* no meio de uma palavra: *comprais 'ma casa* (= *comprais uma casa*; *'ma* = *uma*, não a *m'a*)

por *me a*). Este phenomeno é vulgarissimo no Alemtejo, como eu mostrei no meu opusculo *Sub-dialecto alemtejano*, pag. 14.

21. PARTICULAS: *a) pera*, vid. not. 7; *b) nóm* (= não) antes de uma consoante, e *não* antes de vogal e no fim, como por ex. em «eu *nóm* quero, *não*»; cfr. v. 8 e 15; *c) Na phrase an'a meio* (= anno e meio), a conj. *e* está representada por *a* talvez por influencia de uma das nasaes; *d) mūto* (= muito).

22. PRONOME. É vulgar *le* por *lhe*, em Taboço, como no paiz todo.

23. VERBOS. A phonetica imprime ás vezes aos verbos uma feição particular. Eis alguns exemplos: *camidre*, *andare* (com um *e* final para apoio, como é vulgar no povo); *quije* (= quiz); *bêu* (= veio); *eu só*, *elle andô*, *elle chamô* (= *chamou* e *chamou-o*), *tãis* (= tens), *vanha* (= venha), *sube* (= soube), *tã* (= tem), etc.

eu fui	fizz	bô
tu fôstezz	fijestes	bais
elle fô	fézz	bai
nós fumozz <sup>22</sup>	fijémos	bamos, imos
vós fôstãiz	fijéstãiz	ŷdez
elles fôrão	fijérão	bão

eu truixe, trôixe	sube (súbi-o <sup>23</sup> )
trôcêstezz	sôbêstes
trôixe	sube
trôcêmo-lo	sôbémos
trôcéstã'-lo	sôbéstãis
trôixérão-lo	sôbérão

Como se vê d'estas tabellas, as segundas pessoas do plural apresentam uma nasal no ditongo, antes de *s* (cf. *Sub-dialecto alemtejano*, pg. 12, *e*); assim se diz tambem: *achárãis* <sup>24</sup>, *biéstãis*,

<sup>22</sup> Cfr. *Dialecto mirandês*, pag. 24.

<sup>23</sup> A mulher que me conjugou este verbo transitivo não o podia conjugar sem acrescentar o pronome, e por isso dizia: *súbi-o*, *sôbêsti-o*, *súbi-o*, *sôbêmo-lo*, *sôbéstã-lo*, *sôbérão-no*. E igualmente dizia *truixi-o*, *trôcêste-lo*, etc.

<sup>24</sup> Este verbo acha-se nos versos

Si o *achárãis* a drumir,  
Deixarei-lo acordar,

onde faz as vezes de *achardes*.

*drumistãis, andástãis*. — Numa carta manuscripta de Taboço encontrei *podtãis* (= podieis). — Uma mulher de Taboço, com quem fallei, dizia sempre *quéri-a* (= qué-la), porque, sem o pronome, dizia *quere* (= quer); dizia tambem *puzi-o* (= pu-lo), porque dizia *puz* (= puz), e o *e* surdo antes de vogal muda-se em *i*. Cf. v. 18, 21, 30, etc. A mesma mulher dizia *sópre* (= suppre), *pérdo* (= pérco, — fórma regular de *perder*), *indes* (= ides), *imbéla* (= embala).

### C) Syntaxe

Esta secção offerece, como quasi sempre, pouco que notar.

24. O verbo *dever* é seguido da preposição neste exemplo que ouvi em flagrante: «nem na *debo a* botar».

25. Como já observei acima, no §. 20, o art. definido, quando repetido, toma esta fórma: *ó* (= ao), *d* (= aa), ex.: «o casaco e *d* saia», «foi o rei e *d* rainha» (v. 72), «a meza e *ó* banco», etc.

26. É suprimido o art. nos v. 24 e 26

*Quéro que mates condêssa*  
*Eu condêssa nóm na mato*

onde *condessa* está em vez de *a condessa*.

27. O verbo *pegar* não é seguido da preposição *em* nos versos 76 e 80. É certo que na Beira se diz tambem (Mondim, etc.): «*péga lá isto*» em vez de «*péga lá nisto*».

28. Na not. 9 *deixarei-lo* por *deixá-lo-heis*. Vid. *Dial. beirões*, I, §. 19<sup>25</sup>.

29. Cfr. *achárãis* pelo futuro do conjunctivo, na not. 24.

30. Ha uma falta apparente de concordancia em *mã vidro* (= mau vidro). Será isto, porém, um phenomeno phonetico para se evitar o ditongo *du* átono no meio da palavra, pois que *mã vidro* se póde considerar, na pronuncia ligeira, como um só vocabulo? O phenomeno repete-se noutros pontos do Norte do paiz.

<sup>25</sup> Nas *Odes e canções* de Luiz de Magalhães, Porto 1884, lê-se a pg. 47 o verso

«*diremos-lhe*, sentindo o declinar da vida,»

onde *diremos-lhe*, por *dír-lhes-hemos*, revela a influencia da lingoagem familiar.



## D) Vocabulario

ARRÁTES é o plural de *arratel*; mas tambem ouvi no sing. *arrátte* á mesma pessoa.

BANDIL, mandil. No adagio

Abril, augas mil  
Coadas por um *bandil*.

BARÔL, bolór. Do lat. *palorem*. Noutras partes da Beira-Alta diz-se *baról* e *barólo*.

BIDÓGUE, bigóde. Vulgar na Beira-Alta.

BILHÓ, ou BILHÓS (no plural BILHÓZES), castanhas assadas, sem casca. Quem me deu esta informação dizia « um *bilhó*, dois *bilhózes* ». Noutros pontos da Beira (Mondim) *bilhózes*. Viterbo traz no Elucidario *bilhós*, na mesma accepção, como termo da Beira.

BÓBINAR, na phrase *bóbinar o algodão*. Parece que tem o sentido de *dobar*. Relaciona-se com o fr. *bobine* ?

COIZO, coisa. Cf. esta phrase, colhida em flagrante: « eu acho os *cóizos* mais baratos ». No Porto, entre os rapazes principalmente, usa-se tambem. O orador Alves Mendes emprega-a por zombaria neste logar do seu opusculo *Os meus plagios*: « d'este *coiso* horrido e putrido » (Pg. 30). É usual na Beira-Alta.

DEUZE, Deus. Cf. §. 2.

IMBELINA, Umbelina (nome proprio).

INFARIAR, enfastiar. Usa-se tambem em Mondim da Beira.

INTERNO, eterno. Vid. §. 17.

IRDANÇA, herança. É formado sobre *herdar*, como por ex. o port. *tardança* sobre *tardar*.

ISTRÔVO, estorvo. Formado sobre *istrovar*.

JAZUZE, Jesus. Na canção

— Ó meu menino Jazuze,  
Qãï bos ha-de acalãitar ?  
— Uma menina do Porto,  
Que se chama Guiomar.

Cfr. §. 2.

MANHÊ, manhã. Vulgar na Beira-Alta.

PÁLITO, palito. Vulgar na Beira-Alta. Cfr. o mir. *palo* (= pau).

PERCEBÊLHO, percevejo. Vulgar na Beira-Alta.

PRUBELEJO, privilegio.

REIXINOL ou RAIXINOL em vez de *rouxinol*. É vulgar no paiz.

SECÔRRO, soccorro (Dissimilação :  $e...ô = u...ô$ ).

SIMPLE, simples. Cf. o castelhano e o francês.

SÔRDO, sôrda, surdo, a. Usa-se também em Tras-os-Montes (Freixo-de-Espada-à-Cinta e Campo de Viboras). Do lat. *Sordidus*?

STÂGAMO ou ISTÂGAMO, estomago. Muito usual numa mulher com quem fallei. Do pop. *stâmagô*.

Talvez muitos leitores recebam estas notas, assim avulsas, como um trabalho desnecessario, e accusar-me-hão por eu me não espraier em longas considerações ethnographicas em vez de uma meua analyse: mas, sem o conhecimento circumstanciado dos factos, qualquer synthese é prematura, e eu antes quero ir de vagar, do que estar a cada momento a corrigir o passado. No fim d'esta serie de contribuições eu farei algumas observações geraes sobre os dialectos beirenses, considerados entre si e em relação aos outros dialectos portugueses.

A lingoagem de Taboço parece estabelecer a transição da Beira-Alta para a Beira-Baixa, como esta a estabelece para o Sul.

## VI

### DUAS EXCAVAÇÕES

#### 1) Lingoagem de Montemuro

A serra de *Montemuro* (antigamente *Monte-de-Muro*, como se lê no livro que cito mais abaixo) fica na Beira-Alta, fronteira a Castro-Daire, e tem uns 1890 metros de altitude. A distincta romanista, a snr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaelis de Vasconcellos, num dia que eu fui a sua casa, fez o obesequio de me indicar uma passagem sobre a lingoagem d'esta serra num livro que eu havia lido ha annos, antes de me consagrar a estes estudos. O livro é a *Collecção de inéditos de Hist. port.*, Lisboa, 1824, t. v, na parte em que se trata da *Descripção do terreno em roda da cidade de Lamego duas leguas*, feita em 1531-1532 por Rui Fernandes, e a passagem é a seguinte: «A jente d'esta serra sam lavradores: suas falas sam diferentes das nosas, sã falas muito groseiras» (Pag. 570).

O A. não diz em que as diferenças consistiam, e até talvez fossem mais de entonação vocalica do que de grammatica; nada sei

tambem d'essa lingoagem, apesar de já por duas vezes, em 1877 e 1879, eu ter estado perto de Montemuro: não haverá pois algum leitor d'estes artigos, que possa dar-me informações sobre ella?

No mesmo escrito, que é um precioso documento para a ethnographia portugueza do seculo xvi, lê-se mais isto, que de algum modo se refere á lingoagem dos serranos de Montemuro: «E emquanto nom som casados, nõm tem sobre-nome; e ainda muito depois de casados» (Pag. 570-571).

## 2) Lingoagem de Palmás

Na antiga divisão territorial do reino, havia uma unica provincia chamada *Beira*. Ainda o P.<sup>e</sup> Carvalho da Costa (auctor dos principios do sec. xviii) diz na sua *Corographia Portugueza*: «A muito nobre & dilatada Provincia da Beyra tem seu assento no coração do Reyno, & lhe pôz o nome o ser unica de Portugal, que comprehende as duas Beyras, a saber, margem da raya Castelhana, & das prayas do mar Oceano, que lhe mede a largura pela fóz dos dous rios, Douro, & Mondego, que hum a aparta da Provincia de entre Douro, & Minho, & o outro da Extremadura Portugueza; & de Castella-a-Velha a separa toda aquella porção de terra entre os dous rios, Tejo & Coa» (*Ob. cit.*, t. II, pg. 1, — ed. 1868).

Nestes meus estudos sobre o que chamo *dialectos beirões* comprehendo a lingoagem popular do territorio que pouco mais ou menos corresponde a essa antiga divisão. Eis o motivo porque transcrevo para aqui as seguintes linhas do *Portugal antigo e moderno*, do fallecido Pinho Leal, sobre Palmaz, freguezia de umas 1100 almas, no concelho de Oliveira de Azemeis:

«Ha por estas terras o *vicio* de não pronunciarem os *rr* das ultimas syllabas, por ex. — alferes, *alfés*, — talheres, *talhés*, — queres, *qués*, — etc. etc. — Assim, em vez de *Palmares*, dizem *Palmás*, e foi-se o vicio inveterando, a ponto de vêrmos hoje, mesmo em papeis officiaes, *Palmaz* (que nada significa) em vez de *Palmares* (logar plantado de *palmas*)» (*Ob. cit.*, s. v. *Palmares*).

Em todo o caso, o P.<sup>e</sup> Carvalho traz já *Palmás*.

Este phenomeno phonetico, que terá talvez grande extensão em Palmás, não é porém caracteristico de lá: a mim mesmo, que tambem sou beirão, mas de outro ponto, não será difficil ouvir-me dizer, quando fallo depressa: *quer's isto e qués isto (quèzisto)*; *andar's, se tu comprás a caza (compráza casa), se fôr's lá, se fós a casa (fóza casa)*, — e assim creio ter ouvido muitas vezes a ou-

tras pessoas. Gil Vicente, auctor do sec. XVI, escreveu numa das suas comédias *quês-me* por *queres-me* (*Obras*, II, 33).

Vê-se que as cousas se passarão assim :

— ares	— eres	— ores
— ars	— ers	— ors
— ás	— és	— ôs

O mesmo phenomeno se deve ter dado em mais casos.

Houve pois syncope de vogal tónica entre *r* e *s*, em syllaba final, e assimilação d'aquella consoante a ésta.

Porto, 17 de Julho de 1884.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

# LITTERATURA BRAZILEIRA

---

## SEGUNDA ÉPOCA, OU PERIODO DE DESENVOLVIMENTO AUTONÓMICO

(1750-1830)

### Sciencias naturaes

(Continuação)

À historia da litteratura, como força social, importa muito o conhecimento do maior ou menor grão de apoio que encontram os livros no espirito publico e especialmente da parte das classes dirigentes. N'este sentido, as tristes vicissitudes por que passaram a *Flora Fluminense* e outros livros nossos, já em tempos do primeiro e segundo imperador, são um documento irrefragavel da nossa mesquinharía intellectual. Mello Moraes é ainda mais explicito: « Tomando conta da Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro Fr. Antonio de Arrabida, encontrou alli o manuscripto da *Flora Fluminense*. Aconselhou ao governo imperial para o mandar imprimir, enviando-se a Paris os desenhos para serem lithographados na officina de Lasteyrie, como a mais conceituada do tempo. Enquanto se apromptavam em Paris as estampas, Arrabida fazia imprimir na Typographia Nacional o texto latino de 1825 a 1827. Em França montou-se uma repartição em que se dispendeu *um milhão de cruzados*. Acabada a obra vieram para o Rio de Janeiro 500 exemplares, ficando em Paris 1:500, que, não sendo reclamados, foram dados a estranhos, e, depois, vendidos a um chapeleiro que fornecia barretinas para o exercito francez, sendo n'isto empregados.

« Os 500 exemplares que vieram para o Rio de Janeiro foram parar ao saguão da secretaria da justiça, onde permaneceram, apodrecendo pela humidade, fazendo-se presente de alguns exemplares a uma ou outra pessoa, que os pedia. Ninguém subscreveu a obra do naturalista mineiro, á excepção do general Joaquim de Oliveira Alves. Do mesmo franciscano vieram para cá muitos exemplares da obra *O Fazendeiro no Brazil*, e d'outras impressas na *Typographia do Arco do Cego*. Sendo repartidas por varias capitánias, afim de serem distribuidas pelos fazendeiros, nunca sahiram das secretarias dos governos, onde se inutilisaram. Por aviso do ministerio da fazenda de 18 de janeiro de 1836 mandou-se entregar ao da

guerra todo o papel impresso que existia na Typographia Nacional para ser aproveitado em cartuxame. Entregou-se uma extraordinaria quantidade de arrobas de papel impresso, indo como inuteis a *Historia do Brazil*, do Visconde de Cayrú, as *Memorias* do padre Luiz Gonçalves, os *Annaes do Rio de Janeiro*, de Balthazar Lisboa, as *Memorias do Rio de Janeiro*, de Monsenhor Pizarro, as de Fr. Leandro do Sacramento, sobre a cultura do chá, e outras obras de merecimento impressas na Typographia Nacional, de 1808 a 1836!

«No dia 14 de janeiro de 1861 esta mesma Typographia annunciou a venda em leilão de 2:950 arrobas de impressos, indo entre elles exemplares da *Flora Fluminense*. Finalmente, por outro aviso do governo imperial, mandou-se vender, como papel sujo, os exemplares existentes ainda da grande obra de Velloso á fabrica de papel de Petropolis, cujo producto liquido não entrou para o thesouro, porque a fabrica falliu <sup>1</sup>!»

Em um paiz assim desmantelado no que diz respeito aos productos intellectuaes, em um paiz onde não existe o menor incentivo para a producção scientifica e litteraria, onde os auctores têm inimigos e maledicentes, mas não têm leitores, o manquejar das letras é phenomeno explicavel, e um systema completo de attenuantes deve vir em soccorro d'aquelles que escrevem. É uma vasta classe de mañiacos, eivados da molestia de escrever por escrever, sem a menor vantagem, antes assediados de difficuldades insuperaveis.

Mas vamos aos meritos de Conceição Velloso. O frade foi um autodidacta em sciencias naturaes; como todo o autodidacta, teve o defeito de suppôr muitas vezes que pisava em terreno incognito e que muitas cousas que via eram outras tantas novidades; sectario do systema de Linneo, como todos os botanicos do tempo, soffre em sua obra dos vicios inherentes á doutrina. Estava a par da sciencia da época, o que é altamente admiravel da parte de um homem segregado de todos os grandes centros scientificos da Europa.

Se a sua obra fôra publicada em 1790, teria sido uma ingentissima contribuição para a botanica do Novo-Mundo. Peior do que o segregamento de Velloso, foi o tardio apparecimento de seu livro, depois dos trabalhos capitaes dos viajantes estrangeiros, que percorreram o Brazil de 1790 a 1825. «O maior mal que se depa-rou ao desventurado botanico está em que o primeiro quarto do presente seculo foi justamente o cyclo do maior numero de viagens emprehendidas e realisadas por naturalistas europeus em terras do Brazil e em particular na provincia fluminense e suas limitrophes.

---

<sup>1</sup> Mello Moraes (pai), *Botanica Brasileira*, pag. VIII e seguintes.

St. Hilaire, Martius, Sellow, Pohl, Mikan, Schott, Raddi, Langsdorff, Gaudichaud e tantos outros botanicos e colleccionadores formaram n'essa quadra collecções de muitos milhares de especies, innumeradas das quaes tinham sido colhidas e determinadas por Velloso. Em nome dos direitos de prioridade que a sciencia preconiza e defende, alguns generos lhe pertencem, e, no tocante a estes generos, contamos que justiça se lhe ha de fazer. » São dignas e sensatas estas palavras do dr. Ladislau Netto <sup>1</sup>.

O sabio allemão Martius, a maior auctoridade européa sobre botanica do Brazil, attribuiu a Velloso 392 especies, determinadas definitivamente em sua *Flora*, procedimento que devêra ser imitado pelo suizo de Candolle, que se metteu a ridicularisar certos equívocos do nosso botanista, sem lembrar-se do furto das 554 chapas realisado por Geoffroy St. Hilaire, por ordem de Junot, chapas aproveitadas por seu parente Augusto St. Hilaire em suas publicações sobre a flora do Brazil <sup>2</sup>.

E não foi sómente a Frei Velloso que o viajante francez deveu bons subsidios; *Joaquim Velloso de Miranda* e *Manoel Ferreira da Camara Bittencourt* não foram menos utilizados. Um dos mais conspícuos talentos brazileiros nas sciencias naturaes foi esse Velloso de que fallamos por ultimo. Mais profundo do que o seu homonymo e patricio, escreveu menos do que elle; porém mais acertadamente.

O *Dr. Joaquim Velloso de Miranda* nasceu no arraial do Inficionado em Minas, na primeira metade do seculo passado. Em 1772 matriculou-se no 1.º anno mathematico em Coimbra; em 1774 cursava o 2.º anno philosophico, obtendo o grau de bacharel em junho de 1776, e dous annos mais tarde a borla de doutor. Publicou então o folheto: *Theses ex universa Philosophia*. Era discipulo do celebre Vandelli. Em 1780 foi eleito socio correspondente da Academia real das sciencias. Partindo para Minas, fez d'alli muitas remessas de plantas de especies novas a seu mestre, que as aproveitou no escripto, impresso em 1788, *Flora Lusitanicæ et*

<sup>1</sup> *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, vol. v, 1881. Este volume traz o texto completo da *Flora Fluminense*, de Velloso.

Sobre este naturalista veja-se o trabalho exhaustivo do dr. José de Saldanha da Gama, *Revista Trimensal do Instituto Historico* (4.º trimestre de 1868). Saldanha da Gama estabelece 66 generos e 392 especies determinadas pelo frade brazileiro, conservando 62 d'estas os proprios nomes dados por elle.

<sup>2</sup> Vid. *Os Dois Vellozos*, botanicos brazileiros, pelo visconde de Porto Seguro, 1878. N'este escripto Varnhagen commette o errinho de suppôr que o duque de Abrantes era Soult.

*Braziliensis specimen.* « Vandelli, diz Varnhagen, não duvidou prestar homenagem aos serviços de *Velloso Miranda*, propondo o nome de *Vellosia* para uma das plantas, o que excitou as iras e invejas do, aliás venerando, velho botânico portuguez, o jesuita *João de Loureiro*, celebre no mundo pela sua flora da Cochinchina. Em um parecer apresentado á Academia real das sciencias de Lisboa fulminou Loureiro censuras contra a audacia de Vandelli e de Velloso de haverem inventado nomes novos para os generos novos que faziam conhecer ao mundo scientifico. Taes eram, entre outros, por Velloso, citado por Vandelli, os da vellociaceae *Barbacenia*, da violacea *Lavradia*, da acanthacea *Mendocia*, e pelo proprio Vandelli, por conta propria, os de *Lafoensia*, *Vismia* e *Vellosia*. O padre Loureiro, para fazer mais odiosa a censura, não duvidou assegurar que o ultimo nome fôra dado por Velloso, que não se esquecera de si proprio. E tal era a sua auctoridade no seio da Academia que esta só permittiu a reimpressão do trabalho de Vandelli no 1.º vol. de suas memorias, obrigando-se o auctor a eliminar d'elle todos os generos para os quaes eram propostos os nomes novos, já então aceitos pelos botânicos da Europa, e hoje de todo admittidos pela sciencia <sup>1</sup> ».

Velloso de Miranda enviou á Academia das sciencias tres opusculos: — *Brasilienssem Plantarum fasciculus J. V. de M. demonstrat*; *Descriptio animalium quorundam Brasiliensium*; — *Plantarum quorundam Brasiliensium descriptio botanica* <sup>2</sup>.

Varnhagen diz ter encontrado noticias de Velloso até o tempo da *Conjuração Mineira* (1789). Suppunha-o, talvez, perseguido e morto obscuramente.

Em um livro, publicado no Rio de Janeiro em 1819, *Instrucções para os viajantes e empregados nas colonias*, precedido de umas interessantes *Reflexões sobre a Historia Natural do Brazil*, lê-se: « O dr. Joaquim Velloso de Miranda, lente que foi da faculdade de philosophia na universidade, *fallecido ha uns dois annos em Minas, sua patria*, viajou muitos annos por ella á custa do Estado, fez grandes remessas para Portugal <sup>3</sup>. » O botanista deve ter fallecido entre 1816 e 1817.

Tão distinctos como os dois Vellosos, foram os dois Camaras. É mister não confundil-os.

Varnhagen, quasi sempre bem informado, elle que foi tão

<sup>1</sup> Porto Seguro, *Os Dois Velloso*.

<sup>2</sup> Id., *Ibid.*

<sup>3</sup> *Instrucções para os Viajantes*, pag. XXIX.



perspicaz em distinguir os primeiros, andou a baralhar os ultimos. No *Florilegio* escreveu: « José Bonifacio de Andrada, viajando como mineralogico pela Europa, do mesmo modo que o seu patricio (natural do Serro Frio) o naturalista Manoel de Arruda Camara. » Nem Arruda Camara viajou na Europa com José Bonifacio, nem era natural do Serro Frio. Isto se entende com Manoel Ferreira Camara Bittencourt e Sá <sup>1</sup>.

A historia litteraria do Brazil n'este ponto, não pôde passar de uma série de notas de caracter bio-bibliographico. Estamos em face de uma porção de nomes, e d'um grande acervo de memorias e pequenos escriptos, todos de natureza pratica. Ahi não se acham em jogo doutrinas e theorias scientificas, principios philosophicos; não se debatem essas ideias, que formam a trama superior das producções humanas. O que ha de interessante, o que é significativo aqui, é a existencia mesma d'esses espiritos praticos; é a actividade que elles desenvolveram nos ultimos decennios do seculo passado, e nos primeiros annos do actual.

Os escriptos d'esses homens constituem a base fundamental para o conhecimento das riquezas naturaes do Brazil e das tentativas feitas pela metropole para as utilizar.

*Manoel de Arruda Camara* (1752-1810), natural da Parahyba do Norte, professou no convento do Carmo de Goryanna em 1783; estudou philosophia e medicina em Portugal. Perseguido alli, por afeiçoado ás ideias da revolução de 89, passou-se á França, formando-se em medicina em Montpellier. Teve, vindo para o Brazil, commissões scientificas no Rio de Janeiro e em Pernambuco <sup>2</sup>.

Arruda Camara deixou impressos: *Aviso aos lavradores sobre a inutilidade da supposta fermentação de qualquer qualidade de grão...* (1792), *Memoria sobre as plantas de que se pôde fazer a barrilha* (1795), *Memoria sobre a cultura dos algodoeiros e sobre o methodo de o escolher e ensaccar* (1799), *Discurso sobre a utilidade da instituição dos jardins nas principaes provincias do Brazil* (1810), *Dissertação sobre as plantas do Brazil que podem dar linhos* (1810).

Camara deixou ineditos, que foram em parte publicados no *Ar-*

---

<sup>1</sup> O snr. Latino Coelho, no *Elogio de José Bonifacio*, chama erradamente a este mineiro, Manoel Ferreira de Araujo Camara.

<sup>2</sup> *Memoria historica do clero pernambucano*, pelo padre Lino do Monte Carmello.

*chivo Medico* (1845), no *Patriota* (1813) e em parte aproveitados por Joaquim d'Almeida Pinto no seu *Diccionario de botanica brasileira* <sup>1</sup>. Ha indicios de ter fallecido depois de 1810, contra o que affirmam os biographos.

*Manoel Ferreira da Camara Bittencourt e Sá* (1762-1835) nasceu em Itacambirussú, na comarca do Serro Frio. Formou-se em leis e philosophia em Coimbra em 1788; percorreu a Europa com José Bonifacio durante oito ou dez annos; voltou ao Brazil no principio d'este seculo, sendo nomeado em 1807 intendente dos diamantes em Minas, d'onde sabiu em 1823, eleito deputado á Constituinte. Foi senador e falleceu na Bahia em 1835. Escreveu: *Ensaio de descripção, physica e economica, da comarca dos Ilhéos; Observações sobre o carvão de pedra que se encontra na freguezia da Carvoeira; Memoria sobre as minas de chumbo e prata e sobre a fundição do ferro por um processo novo; Memoria sobre a cultura e fabricação da farinha de araruta*. Escreveu tambem sobre a canella, o cacão, o tabaco, e o algodão. Crê-se que deixou inedito um grande *Tratado de mineralogia do Brazil*. Este homem reclama attenção mais demorada <sup>2</sup>.

Camara é um dos mais distinctos representantes de sua vigorosa geração. Póde soffrer o paralelo com José Bonifacio. Tinham quasi a mesma idade, formaram-se no mesmo anno, viajaram juntos, dedicaram-se aos mesmos estudos; foram ambos deputados e assignaram juntos o primitivo projecto de nossa constituição politica. Morreram os dois aos 73 annos.

O sabio mineiro sobrelevava ao paulista em actividade pratica, em energia de character, em solicitude pelo trabalho. Foi como administrador, como intendente dos diamantes em Minas, que elle deu toda a medida de suas aptidões. A elle se deveram a primeira fundição de ferro que existiu no Brazil e inumeros melhoramentos na industria de minerar os diamantes. A pintura que homens como

---

<sup>1</sup> Sobre Arruda Camara, vid. Lino do Monte Carmello — *Memoria historica do clero pernambucano*; Innocencio da Silva — *Diccionario bibliographico*; Mello Moraes — *Botanica brasileira*; Valle Cabral — *Annaes da Imprensa Nacional*; e grande *Catalogo da exposiçào de historia do Brazil* nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. IX, t. I e II.

<sup>2</sup> Vid. sobre elle a excellente biographia escripta pelo Dr. J. Sigaud na *Revista do Instituto historico e geographico do Brazil*, tom. IV, e as *Memorias do districto diamantino* pelo Dr. J. Felicio dos Santos, um dos melhores trabalhos de historia publicados no Brazil.

Martius, Spix, John Mawe, Eschwege e Saint-Hilaire nos deixaram da intelligencia, da actividade, dos conhecimentos e do character pessoal de Camara, é exacta e como não foi ainda feita de nenhum outro brasileiro. Fallava seis ou oito linguas, tinha prodigiosa leitura, mostrava-se em dia com os progressos das sciencias. Tinha em alto grau o talento de conversar; prestava-se a dar informações as mais completas aos viajantes estrangeiros; em compensação aturdiava-os com perguntas sobre o velho mundo. A acção scientifica d'este homem, se não se estendeu por todo o paiz, porque elle escreveu pouco, foi efficaz e profunda em Minas. Foi um instigador valente do progresso no districto diamantino, por sua acção directa, por seu exemplo, pelas innovações que introduziu nas industrias locais. «Camara era homem de estatura ordinaria, corpulento, robusto, vigoroso, de largas espádoas, porte altivo, andar firme e desembaraçado; tinha as feições regulares, rosto bastante corado, labios grossos e sensuaes, olhar vivo e penetrante, testa larga e intelligente, cabellos bastos, grossos e negros, quasi sempre em desalinho. Nada mais difficil que descrever seu character moral, cheio de contradicções e incoherencias; predominavam, porém, sempre as excellentes qualidades que adornavam-lhe o espirito e o dirigiam para o bem. Em certas circumstancias mostrava-se o homem despota, arrogante, altivo, orgulhoso, enfatuado; em outras, o homem urbano, amavel, popular, descendo, — n'esse tempo era propria a expressão — *descendo* a nivelar-se com a classe infima, convivendo com ella, esquecendo-se de sua posição e da authoridade de que estava revestido. Algumas vezes, mäs raramente, colerico, vingativo, deshumano, inexoravel, sem compaixão; outras vezes, e era quasi sempre, n'isso consistia o fundo de seu character, — humano, paciente, caridoso, indulgente, occultando muita cousa, ou fazendo occultar-se, para não ser obrigado ao extremo da punição. Dos sentimentos de Camara o que mais sobreshahia era seu amor á patria: foi um verdadeiro brasileiro. Antes d'elle quasi que só os portuguezes obtinham empregos na administração diamantina; muitas vezes já vinham de Portugal com recommendação da directoria ou da corôa para serem empregados. Camara sempre dava preferencia aos brasileiros; d'ahi a guerra encarnçada que soffreu durante todo o tempo de sua intendencia por parte do governo de Villa-Rica. Foi seu pensamento constante, seu maior empenho melhorar a sorte de seus patricios, já modificando na execução o *barbaro regimento diamantino*, já introduzindo reformas uteis, como sementes de civilisação que mais tarde haviam de fructificar. Foi geralmente respeitado e temido como um pequeno soberano, que governava o districto diamantino com um poder absoluto. Uma vez tomada uma resolução, nem as leis vigentes serviam de péas

à realização de seu pensamento. Na administração da justiça não conhecia formalidades, era tudo rapido, expedito.»<sup>1</sup>

Bem se vê: o notavel intendente era um homem de seu tempo; fez parte d'essa pleiade de sabios, poetas, litteratos, que tinham saude e força, actividade e patriotismo, boa gente que sabia viver, e só entregava-se à morte depois dos setenta e bem contados. Não tinhamos ainda descoberto o segredo de morrer aos vinte annos; não tinhamos ainda chegado aos maravilhosos tempos dos *litteratores ebrios* e dados aos vicios occultos...

É uma observação que assalta logo a quem estuda a historia da litteratura brasileira: — a grande idade attingida pelos antigos escriptores.

Depois de 1840 as *mortes prematuras*, segundo a phrase consagrada, tornam-se mais e mais frequentes<sup>2</sup>.

A passagem de Ferreira Camara para o seu contemporaneo José Vieira Couto é natural. Eram patricios, ambos mineralogistas, residentes ambos no mesmo lugar, porém acerrimos inimigos.

A vida de Couto tem sido muito obscura. Varnhagen e Pereira da Silva o dão por filho do Rio de Janeiro, nascido em 1762 e fallecido na Ilha Terceira a 27 de maio de 1811. Innocencio da Silva os repete meio duvidoso e ajunta: «creio que ha n'estas asserções alguma cousa que carece de rectificação.»

De certo, é tudo isto inexacto. Couto era mineiro, e natural do arraial do Tijuco. Estudou em Coimbra ainda em tempos de José Bonifacio e Ferreira Camara. Voltou muito antes d'elles ao Brazil, onde o achamos envolvido em 1789 na *Inconfidencia*. Em 1788 foi encarregado pelo governo portuguez de fazer exames mineralogicos em toda a comarca do Serro Frio. Em 1803 foi incumbido de examinar os nitreiros da Serra do Cabral; em 1821 ainda apparece em lucta com Camara contra quem escreveu n'esse tempo um folheto. Não falleceu em 1811 na Ilha Terceira.

---

<sup>1</sup> Dr. Joaquim Felicio dos Santos, *Memorias do districto diamantino*, pag. 291.

<sup>2</sup> Para esclarecer este ponto, dou aqui pequena amostra de casos que me occorrem de momento. Claudio da Costa, Gonzaga, Arruda Camara, Rodrigues Ferreira, Velloso de Miranda, Conceição Velloso, João da Silva Feijó, José Vieira Couto, Silva Alvarenga, São Carlos, Mello Franco, Januario Barbosa, Moraes e Silva, Eusebio de Mattos e Botelho d'Oliveira, attingiram uns aos sessenta annos, e outros os ultrapassaram muito. José Bonifacio, Ferreira Camara, Villela Barbosa, Rocha Pitta, Gregorio de Mattos, Maricá, Pedra Branca, Brito de Lima, Cayrú, Balthazar Lisboa, Antonio Carlos, Monte-Alverne e Abreu e Lima excederam largamente os setenta. Eloy-Otoni, Leandro do Sacramento, Muniz Tavares passaram dos oitenta.

O snr. Valle Cabral, referindo-se a isto, escreve: «Trata-se de um José Joaquim Vieira Couto que não parece ser o nosso mineralogista. O author das *Reflexões sobre a historia natural do Brazil*, que precedem a *Instrucção para os empregados e viajantes nas colonias*... impressa no Rio de Janeiro em 1819, dando uma relação dos naturalistas nacionaes e estrangeiros que n'aquella época viajavam pelo Brazil, diz — relativamente a Couto — José Vieira Couto, pensionario do Estado no Tijuco —; d'onde se infere que elle ainda existia em 1819 e de modo algum poderia ter ido para desterrado á Ilha Terceira, para alli terminar a existencia <sup>1</sup>». E quem era esse José Joaquim Vieira Couto, que o *Correio Braziliense*, sempre tão bem informado, affirma ter fallecido em 1811 nos Açores, depois de oito annos de prisão, sem crime, nem processo e nem sentença? Pereira da Silva e Varnhagen lêram a noticia do jornal de Hyppolito da Costa e applicaram erroneamente ao mineralogista o que dizia respeito a um seu irmão!... Valle Cabral não liquidou esse ponto final, que deixa-se resolver perfeitamente pela historia local da patria dos dois mineiros. «No ultimo anno do seculo passado houve no Tijuco immensa agitação contra o governo terrivel do intendente João Ignacio do Amaral Silveira. Entre outras medidas, assentaram os tijuquenses em deputar uma pessoa revestida do character de procurador da comarca do Serro Frio, com o requerimento, que devia apresentar pessoalmente ao principe regente. Para esta commissão nomearam a José Joaquim Vieira Couto, irmão do Dr. Couto, que foi quem redigiu o requerimento.» <sup>2</sup>

Em Lisboa José Joaquim foi mettido nos carcerees da Inquisição, como libertino e pedreiro-livre. N'essa occasião fôra preso tambem Hyppolito José da Costa. Este conseguiu escapar-se, e o procurador dos tijuquenses foi sc'ito pelos francezes quando entraram em Lisboa. Mais tarde, envolvido na Setembrizada dos governadores do reino, foi mandado para a Ilha Terceira <sup>3</sup>.

O mineralogista escreveu: — *Memoria sobre a capitania de Minas Geraes, seu territorio, clima e producções metallicas; Viagem ao Indaíd; Memoria sobre as minas do Abaeté; Memoria sobre as minas da capitania de Minas Geraes, suas descripções, ensaios e domicilio proprio; Memoria sobre as minas de cobalto da capitania de Minas Geraes; Memoria sobre as salitreiras naturaes de Monte Rorigo* <sup>4</sup>.

<sup>1</sup> *Annaes da Imprensa Nacional*, por Alfredo do Valle Cabral, pag. 21.

<sup>2</sup> J. Felicio dos Santos, *Memorias do districto diamantino*, pag. 231.

<sup>3</sup> *Correio Braziliense*, vol. VI, pag. 705.

<sup>4</sup> Vid. o *Catalogo da exposição de historia do Brazil*.

Dos sabios de seu tempo foi Couto um dos que mais escreveram e em melhor estylo. Eis a descrição da Serra do Cabral que o mineralogista appellidou de *Monte Rorigo*: « Não é d'essas serras pedregosas e escalvadas, como a mór parte das de Minas; é toda formada d'uma terra vermelha, pesada, fertil, coberta de matas ou campinas, e por onde asperejam penedias; estas são de natureza calcarea, de um cinzento-escuro, betadas em differentes sentidos de branco, e cujas betas são de materia espathosa. Estas rochas acham-se todas mais ou menos cobertas de stalactites, assento natural do nitrato de potassa. No logar em que o rio Paratína divide a montanha, mostra-se ella mais desamparada de terra e mais cheia de rochas, e por isso abunda aqui mais o nitrato. Não obstante, porém, toda esta fragura e inclinação precipitosa, tal é a fertilidade da terra que o monte se mostra frondoso, verde-negro e cheio de viço. Causa maravilha vêr ao longe, como estas rochas, branqueadas de stalactites, sobrepujam e mostram-se por cima das cabeças das arvores, á maneira de velhos edificios, cahidos já em ruinas e de architectura gothica. As rochas examinadas de perto, são largas e espaçosas cavernas, que á primeira vista infundem enleio e respeito. No seu tecto as stalactites, umas representam roupas fluctuantes e de enormes grandezas, outras, grandes cachos de uvas; aqui pendem melões; alli variadas flôres; em suas paredes, em parte, se relevam e brotam docéis, pyramides, globos, colchões rolados, delicadas rendas, em parte, afundam grandes recameras, nichos; — tudo curiosidades da natureza, obras suas fabricadas ao seu vagar no meio da confusão dos seculos, e pingo a pingo!

«As stalactites — umas são duras, outras molles e esponjosas: aquellas pela maior parte occupam o tecto das cavernas, e estas as paredes e portas inferiores. Na massa e interior d'estas ultimas acham-se cavidades e como casinhas ou moldes, onde existiram fragmentos de madeiras que já o tempo consumiu; acham-se muitas conchas bem conservadas de vermes terrestres que ainda hoje abundam e pastam ao redor das mesmas cavernas; acham-se pedaços de stalactites, que foram despregados de seus logares e que ao depois foram envolvidos segunda vez na massa de outras mais modernas e foraminados com ellas».

Vieira Couto averiguou-se porém que nasceu a 19 de agosto de 1752 no arraial do Tijuco, hoje cidade diamantina. Era filho legitimo do portuguez Manoel Vieira Couto e da paulista Thereza do Prado. Deixou de existir a 15 de setembro de 1827 em sua fazenda de Gavião, distante dez leguas do Tijuco. A seu pedido foi sepultado debaixo de uma arvore, ao pé da fazenda, e alguns annos depois seus restos mortaes foram exhumados e depositados na ca-

pella de N. S. do Carmo em Diamantina, segundo a informação que nos transmittiu o dr. J. Felicio dos Santos.

A critica litteraria quasi nada tem a vêr com um homem d'estes, um cultor da mais impessoal das sciencias, — a mineralogia. Consigna-se o trabalhador, dá-se conta de sua actividade e nada mais.

Uma historia pragmatica e exhaustiva da litteratura brasileira exigiria, no periodo e sobre o assumpto que vamos tratando, além das noticias que ficaram expostas, apontamentos biographicos e largas apreciações sobre vinte ou trinta authores mais. Seria arido e esteril. Não canso de profligar o sestro dos alistamentos de escriptores.

Para isto ahi andam o Innocencio da Silva e o Sacramento Blake, existem os catalogos e os dictionarios bibliographicos. A historia procura a vida, a nota mobil, a intuição comprehensiva, a força agitadora. O mais é secundario.

Antonio de Nola, Vicente Coelho de Seabra, Joaquim d'Amorim Castro, Luiz José de Godoy Torres, Bernardino Antonio Gomes, José de Sá Bittencourt, Francisco de Mello Franco, Frei Leandro do Sacramento, João da Silva Feijó, João Manso Pereira, Manoel Jacintho Nogueira da Gama, José da Costa Azevedo, Martim Francisco Ribeiro de Andrade, Francisco Villela Barbosa, Balthazar da Silva Lisboa e outros e mais outros foram talvez tão illustres, quanto Alexandre Ferreira ou José Bonifacio. Commental-os e critical-os é, porém, inutil; porque sua influencia, como sabios, foi pouco avultada, ou quasi nulla <sup>1</sup>. Uns nada deixaram impresso, e outros escreveram sobre o *côrte das madeiras, a cochonilha, o malvaisco, a jalapa...* e grandes problemas scientificos d'essa natureza.

Tudo muito util, tudo muito pratico, e tudo de nenhum alcance para a marcha geral das ideias.

Uma vista synthetica atirada sobre o desenvolvimento do Brazil, nos tempos a que nos reportamos, irá descobrir dous factos capitaes: — o bem-estar economico da colonia e a aptidão dos brasileiros para a aprendizagem scientifica. O primeiro foi bastante positivo para deixar aos filhos de muitas familias o lazer preciso aos longos cursos das universidades europeas. É crescido o numero de brasileiros que então estudaram ou viajaram no velho mundo. O segundo facto é tambem verdadeiro.

Os brasileiros, como todo povo mestiçado e meridional, são de

---

<sup>1</sup> Martim Francisco, Villela Barbosa e Balthazar Lisboa, serão mais tarde apreciados, o primeiro como orador e publicista, o segundo como poeta, e o terceiro como historiador.

intelligencia dextra, facil, intuitiva. Possuem em alto grau o talento de aprender; a assimilação é-lhes prompta. Demasiado habéis para a aquisição das ideias simples e geraes, instruem-se sem esforço. A facilidade, porém, é contrastada pela superficialidade. Tal o motivo principal da falta que se lhes nota de concepções scientificas originaes e da lastimavel insignificancia das suas ideias philosophicas. E n'isto não estamos sós; temos numerosos e bons companheiros.

Durante os tempos coloniaes, pela natureza da cultura ministrada em Coimbra, nossa litteratura scientifica teve esse character pratico, empirico e fragmentario que o leitor apreciou nos trabalhos de nossos sabios.

Quando fallo em *character pratico*, de fôrma alguma insinúo a existencia de grandes homens *technicos* no Brazil. Não tivemos a alta sciencia consciente de si mesma, organizada n'um grande todo, forte, progressiva, capaz de applicar-se *praticamente* ás industrias. Só onde ha a robusta sciencia especulativa, é que existem tambem as poderosas applicações praticas. Assim na Allemanha, na Inglaterra ou em França. Nós tivemos a meia sciencia, a doutrinação feita em Portugal, sem largos vôos, terra-a-terra, sem ousadias, sem impulsos idealisadores e philosophicos, medrosa, acanhada, confinada entre o rei e a Inquisição. Si nos faltaram Bacon ou Descartes, tambem não tivemos Galileo ou Kepler, e, como seria uma extravagancia alçar tão alto as vistas, se não contamos Diderot, não possuímos tambem Broussais; nem a synthese, nem o laboratorio; nem philosophia, nem sciencia propriamente dita.

Nossa actividade, no dominio scientifico, exerceu-se de preferencia n'esse grupo de estudos descriptivos, que nas velhas classificações tinham o nome de historia natural, e hoje foram distribuidos pela chimica e pela biologia: — mineralogia, botanica e zoologia.

Em mathematicas nada produzimos além dos *Elementos de geometria* de Villela Barbosa, ou pouco mais; em astronomia, physica, chimica, em seus diversos ramos, fomos atacados de mutismo invencivel. Em biologia, não passamos das descripções exteriores, da curiosidade negativa d'um dilettantismo mais ou menos vaidoso e esterilicante. Em philosophia — cousa nenhuma. Em compensação colligimos alguns factos; fizemos algumas observações, e não tínhamos ainda chegado ao palavriado vago, logomachico e inconsistente, que reveste hoje a superficialidade inquietadora de algumas producções nossas.

(Continúa).

SYLVIO ROMÉRO.



## A DOENÇA DA MIMI

(Conto)

A pequenita Maria viera, muito de manso, com uma tranquillidade extraordinaria, dar ao papá o beijo da noite.

Esperava socegadinha, os bracitos apoiados sobre a côxa do doutor, que este acabasse de lér as ultimas linhas d'uma pagina, sobre que se debruçava attento; instinctivamente o pai abandonára-lhe o braço esquerdo e deixára-a esquecida, enlaçada contra o proprio corpo. Mas como as perninhas fraqueassem e o somno principiasse a fazer cahir as palpebrasitas debeis, ella resolveu-se a interrompel-o e puxou-lhe devagarinho o casaco.

— Boas noites, papásinho, o beijo...

Foi então que o joven medico pousou a sua faca branca de marfim sobre o livro aberto e curvando-se tomou a pequerrucha entre os braços:

— Um beijo, vá!... A Mimi tem somninho, quer deitar, quer?...

E chegou a face colorida da creança aos seus grossos labios vermelhos.

Mas estremeceu; um calefrio de susto galvanisou-lhe subito a medulla.

— Que diabo! a pequena estava tão quente!... murmurou n'uma observação, como que feita a medo.

Olhou-a com um olhar profundo, que pareceu restituir subito tranquillidade á sua physionomia e beijando-a apenas um pouco mais sofregamente n'aquella noite, acariciou-lhe a face:

— Vai deitar, vai, amorzinho.

E para si, encolhendo os hombros :

— Coisas de creanças ! mas ficou perplexo, sem continuar a leitura, a vista pairando sobre a pagina em aberto, sobre que poiseva a faca de marfim, n'aquelle momento recebendo a luz coada pelo globo fosco e brilhando, como uma ironia á sua sciencia de medico laureado e clinico distincto.

Pelo menos este pensamento accendeu-se-lhe por um instante no cerebro, visto que sem razão elle escondeu a faca sob a lombada do volume.

— Uma puerilidade !...

Mas agora as letras é que pareciam metamorphosear-se rapidamente, saltando linhas, mudando de fórma, semelhando arabescos rendilhados por pequeninas patas de insectos, um exercito de tabeliães dipteros.

— Estou com somno, é o que é...

E levantou-se, bebeu uma pouca d'agua, deu um passeio em toda a extensão do gabinete.

— Mas estava devéras quente a pequena,... não fosse ser o diabo — mastigou — que isto de creanças... qualquer coisa... uma ninharia...

E tornou a passeiar.

Agitava-se porém ; uma rugasita vinha contrahir-lhe instantaneamente as supracilias e os olhos pareciam buscar além, n'um canto do invisivel, um ponto de segurança para aquella interogação muda, que principiava a nascer lá dentro, no recondito do seu pensamento.

E n'uma d'essas indagações para o desconhecido pareceu-lhe outra vez que a faca branca de marfim continuava a rir um sarcasmo leve sobre o seu estado de perturbação.

— Creancice ! imagine-se por isto, por este simples factó o que deve produzir no cerebro d'um alienado uma agitação profunda — criticava. E recompunha no seu espirito lucido todas as revoluções psychicas dos allucinados, dos nevroticos, dos doidos. Enfileiravam-se na esteira luminosa que sahia do seu pensamento, todas as historias dos alienados celebres, dos grandes criminosos, dos mysticos devaneadores quebrados pelo ascetismo.

— Que era Mahomet senão um allucinado, que era Joanna d'Arc e Santa Thereza, e Christo e Byron ? quem sabia o grão d'areia que havia perturbado a sua emotividade cerebral ? pensava.

Mas por uma resolução instantanea elle sahio do gabinete e entrou no quarto da pequena.

A creança dormia agitada, uma anciasita de esfalfamento, a respiração ligeiramente ruidosa. Apalpou-lhe a testa. Queimava.

— Hum!... temos historia, ora queira Deus. E quando voltou ao gabinete para buscar um thermometro uma sombra vaga, gelada e muda, d'uma tenuidade impalpavel, parecia agitar-se na sua frente.

Applicou o thermometro, o relógio na mão, os minutos contados um por um.

— Quarenta e um graus! — murmurou, coçando o cabello, o bigode mordido n'um mastigar vagaroso, o olhar ainda estupefacto pela revelação brutal do rigoroso instrumento.

— Estarás tu com juizo? observou, como não querendo acreditar.

E desceu apressadamente a columna mercurial, collocou-o na propria axilla. Quinze minutos depois a linha do mercurio parava firme no traço vermelho dos 37°, o calor physiologico.

— Não havia que vêr!...

E ajoelhou então junto do leito da filhita adormecida, auscultou-a em silencio, contou-lhe uma a uma as respirações.

— Mas que diabo vinha a ser aquillo, onde estava a causa de tão elevada temperatura? — cogitava — mas que remedio senão esperar...

A noite foi agitada para a doentinha, torturosa para o coração do pai.

No dia seguinte o thermometro, brutalmente, marcava logo pela manhã: — Quarenta e um graus e cinco decimos.

— Uma febre eruptiva — pensou o medico — algum saramposito.

Mas a erupção não se fez durante o dia. Á noite ainda o thermometro marcou: — Quarenta e um graus e oito decimos.

— Ah! era de mais agora!

A sua mão tremia ao segurar o delicado instrumento e á sua imaginação agitada pelas emoções do dia, afigurava-se que dentro d'aquelle tubosito fragil a vida ou a morte da sua filha, da sua energia, da sua força na lucta, da sua coragem estava sendo indifferente e sarcasticamente jogada por uma pequena vibora cobarde, que se enroscava dentro da *cuvette* do mercurio e estendia a lingua finissima, eivada de peçonha, pela capillaridade do tubo, parando aqui, além, muito caprichosamente nas linhas decimaes dos graus mais elevados.

— Que vontade de esmagar aquelle maldito instrumento!

No dia immediato umas colicasitas vieram alarmar ainda mais. A Mimi, a face córada pela febre, gemia com a dôr intensa e pedia ao papá:

— Que esfregasse a barriguinha, doía muito!

Os frascos dos remedios iam-se enfileirando sobre o marmore da *toilette*; um cheiro bafiento de cataplasmas, de aguas tepi-

das para banho, de pomadas anodinas formava a atmospherá do quarto.

E assim um dia e dois e tres e quatro.

Oscillações ligeiras apenas na columna mercurial, que parecia obedecer ao capricho d'um ente invisivel, d'um estranho sér malefico, que se comprazia em torturar o coração do pai.

A concepção allucinada ia desenhando realmente o que a principio fôra apenas uma *silhouette* na sua ideia; a vibora tomava fôrma dentro do thermometro e continuava a desenroscar-se lambendo uma ou outra linha decimal, sempre ironica, o veneno na lingua para depositar nos pontos mais elevados.

Pediú um collega, mais do que um mesmo, e concordavam todos, a sós no seu gabinete, longe dos enternecimentos das senhoras, — que era realmente o diabo aquella temperatura elevada.

— Mas não haveria duvida — consolavam — o collega sabia-o bem; doenças de creanças... lembravam sempre o aconito, os banhos, os refrigerantes, talvez o sulfato... creanças...

— Mas é que as creanças morriam também — interrompeu abruptamente.

Calaram-se todos, um sentimento tacito de respeito perante aquella dôr, que estalava na sua presença.

O collega Freitas sacudia o pó do seu chapéu, muito escrupuloso de limpeza. E despediam-se em voz baixa, quasi *à formiga*, promettendo vir saber noticias.

Quando os via sahir o medico experimentava como que um sentimento vago de repulsão por todos elles, pela sua sciencia impotente.

— Que vida maldita — ouviam-o blasphemar, quando folheava agitadamente os livros, os tratados dos especialistas, as monographias mais bem escriptas, para se dirigir em seguida ao leito da pequenina doente, os olhos querendo resolver por força o problema da cura, anciando a esperanza de apanhar um phenomeno que fosse uma indicação segura, perscrutar a causa estúpida d'aquella revolução organica.

Odiava o thermometro, tremia mesmo quando o tirava do seu estojo de velludo e sêda para o collocar debaixo da axilla da creança; elle era no entanto a observação rigorosa, embora brutal, o unico amigo que fallava verdade, o symbolo objectivo d'essa luminosa filha do espirito humano — a sciencia pura.

— Mas implacavel, a final! dizia — porque era um horroroso supplicio o seu; vêr o perigo, conhecel-o, sentir estalar uma a uma as cordas d'aquella vida, que era a sua, que era mais que a sua, e ter de reconhecer a inutilidade dos seus esforços, de ser vencido estupidamente! Ah! era uma louca phantasia isso a que chamavam a Sciencia!...

Quando a pequenita cahia n'uma prostração amodorrada, o rostinho quente pelas rosetas da febre, os olhos semi-cerrados, uma ou outra convulsão vibrando, como a corda d'um instrumento quebrado, a sua revolta crescia então contra tudo e contra todos, um jogo de sarcasmos atirados á *grande* sciencia do homem, ao seu charlatanismo ignorante, á sua tola audacia de Prometheu.

Chegou assim o setimo dia, um de crise — que podia ser favoravel, diziam os collegas — uma anciedade a mais — pensava elle.

O thermometro continuava a dar as mesmas indicações elevadas; era inexoravel e despiedado, como a figura sinistra d'um Inquisidor, elle tão fragil, tão leve, tão delicado na apparencia!

— Que espirito do mal o houvera construido? — murmurava o doutor — via-se bem; um miseravel fio de mercurio tendo pendente das suas variações uma existencia querida!

E quando fatigado pelas demoradas vigalias e multiplicadas emoções o seu cerebro cahia n'um torpor somnolento, que não era o somno restaurador e tranquillo, a ideação dava definitivamente a essa columnasita leve e fragil as proporções phantasticas d'uma vibora, a lingua venenosa de strias vermelhas, lambendo voluptuosamente as paredes crystallinas d'essa prisão hedionda.

Um dos seus beijos venenosos gravava uma sentença de morte e elle via a pobre humanidade acercar-se com avidez d'esse pelourinho empeçonhado para lér esse traço funesto.

Elle mesmo estava allí, elle que reconhecia o erro dos outros, amarrado por uma força invencivel para vér dentro d'essa columna de ignominia a ondulação fatal d'essa vibora cobarde, que ia gravar na escala a sentença de morte da sua filha, da sua filha querida!

— Mas não, não! . . . revoltar-se-hia contra essa tortura horrorosa e destruiria só, elle só, esse pelourinho de amargura, como os heroes da liberdade haviam destruido os postes de ignominia.

Despertava suando, a fronte alagada, uma respiração de allivio por sentir passado aquelle sonho de Hoffman, creado na sua imaginação doente. Elle sabia bem que o mercurio não tinha senão a passividade physica da sua dilatação pelo calor, da sua contracção pelo frio, e sorria até pensando, como d'um simples traço convencional marcado a tinta vermelha, elle fizera a lingua farpeada e sanguinolenta d'uma vibora.

Entretanto durante essa noite a Mimi cobrira-se d'um suor profuso; ao apalpal-a pareceu-lhe bem que a pelle estava menos quente, que a respiração era mais tranquilla.

Ao romper da madrugada foi com uma esperanza ridente applicar o thermometro na axilla.

— Trinta e nove graus.

— Ah! respirou profundamente.

Pareceu-lhe formoso aquelle pequeno instrumento até ahí tão revoltante, achou a sua construcção simples e graciosa, um prodigio do saber humano.

— O grande perigo estava passado, tinha d'isso a convicção, bastava coordenar os symptomas, attentar n'aquella indicação thermometrica.

— Um precioso instrumento, — devia concordar-se — uma bella acquisição da physica, que estava sendo d'um alcance enorme na Medicina pratica! Era a indicação rigorosa, o organismo apanhado em flagrante!... Aquillo é que não falhava!...

E quando a pequenita principiou a sorrir alegresinha e a pedir — o leite, o seu leite com sopinhas de pão — elle experimentou uma forte sensação de jubilo, um estremecimento indefinivel de gozo, como não sentira desde muito.

Tremia quando beijou demoradamente a testa da filhinha e tremia ainda quando collocou no seu fôfo estojo de velludo e sêda o delicado instrumento, o amigo fiel que lhe dêra a boa nova, o galante filho da intelligencia do homem, que significava tudo o que havia de firme e de recto e de justo na formosa Via-lactea da Sciencia.

Por isso tambem, quando elle entrava no gabinete, a faca branca de marfim áquella hora illuminada pelos raios do sol nascente, parecia sorrir ainda o seu ligeiro sorrir ironico.

— Surprehenderia, quem sabe, os labios do joven medico, beijando furtivamente, como que envergonhado da creance, o seu delicado thermometro.

— Ah! estás tu a applaudir a Sciencia com beijos! — pensou talvez aquelle reverbero de luz, que sorria, sorria na faca branca de marfim.

Lisboa — Outubro — 84.

J. AUGUSTO VIEIRA.

## ENSAIOS DE ECONOMIA POLITICA

(Conclusão)

Quando consideramos os agentes naturaes transformados em instrumentos, productos ou generos para o nosso uso, pelo seu valor, chamamos-lhe *capital*. Quando os consideramos na sua quantidade, chamamos-lhe *riqueza*. Vemos isto por exemplo em duas industrias do mesmo ramo em localidades diferentes. Um commerciante de madeiras na Suecia possui, supponhamos, duas mil duzias de tábuas, e um outro commerciante do mesmo genero possui em Lisboa metade d'aquella quantidade. Na Suecia, onde a resistencia offerecida para a obtenção de madeiras é menor, o seu possuidor tem de as vender por um preço menor que o de Lisboa, onde essa resistencia é maior, originando-se por consequencia um preço mais elevado. Lucrando ambos o mesmo, o mais rico é o da Suecia. Se supuzermos duas industrias transformativas, trabalhando cada uma em materia prima diferente e estabelecidas na mesma localidade, e se ainda a quantidade de linho, que tem um tecelão, se podesse trocar pela quantidade de ferro, que tem um ferreiro, as suas riquezas seriam eguaes. Mas um, e acontece isto muitas vezes, pôde tirar um maior interesse do que o outro: isto é, a sociedade em que vivem dá mais valor a um material do que ao outro. O valor geral dos productos, o *capital* de um é maior do que o do outro.

Quando a utilidade, que tiramos d'um objecto, satisfaz muitas ou intensas necessidades no mesmo ou em diferentes individuos, cujo numero varia, mas que com o progresso tende a augmentar, o

*capital* ou o valor geral das cousas desce, e a *riqueza* augmenta. É o que facilmente se verá, attendendo á relação que existe entre utilidade e valor.

O capital tende ainda a descer e a riqueza a augmentar com a utilidade achada n'outros agentes naturaes, visto a facilidade que esses novos agentes trazem para uma melhor e nova utilização.

«Ha vinte annos uma caixa de phosphoros de enxofre e feita de papel vermelho custava um schelling de New-York. Presentemente obtem-se por um *sou* a mesma quantidade de phosphoros, de melhor qualidade e n'uma caixa de papel pardo. Ninguem duvida que se uma caixa tivesse ficado por acaso nas prateleiras da loja de um droguista durante vinte annos, que elle não fosse obrigado a vendel-a por este mesmo *sou*, preço de uma egual quantidade de phosphoros mais commodos. Debalde tentaria provar que elle tinha custado mais do que isso. A resposta seria que durante esse tempo, chegou-se, por meio de combinações mechanicas e chemicas aperfeçoadas, a fazer vinte e cinco caixas com a despeza de trabalho humano que a sua tinha exigido outr'ora.» <sup>1</sup>

A quantidade de agentes naturaes, que como vimos, constitue a riqueza, é apropriada pelo nosso trabalho, de modo que, o poder d'este, o seu valor e a riqueza andam na razão directa um do outro. Já o dissemos, a aquisição das cousas desenvolve-nos as faculdades, e éstas reagindo, tornam uteis novos agentes. É o que se chama progresso de necessidades.

D'este modo a riqueza, como diz Carey, inclue a idéa de sabermos servir-nos d'ella. Com effeito os negros, que habitam no nosso Moçambique, não são ricos e aliás abundam n'aquella região as minas de carvão, de ouro, etc. «Quantos milhares de annos, diz Carey, o povo inglez possuiu quantidades quasi illimitadas d'este combustivel, de que um só alqueire pôde elevar n'um minuto, cem mil libras por pé, e d'este modo fazer o trabalho de centenas de individuos; e comtudo este combustivel não constituia uma riqueza por se não conhecerem os meios de utilizar o seu poder.» <sup>2</sup>

D'este modo a *riqueza* não é gratuita; mas por essa relação com o meio em que tanto temos insistido, a quantidade e natureza de riqueza depende da maior ou menor quantidade de agentes que sabemos transformar. Depende das forças e equilibrios inorganicos, como minas, boa qualidade de terrenos, etc.; depende das forças ou equilibrios organicos, como quantidade e qualidade de animaes e

---

<sup>1</sup> P. Smith, *Op. cit.*, pag. 78 (1854).

<sup>2</sup> *Loc. cit.*, vol. 1, pag. 203.



plantas, etc. Mas, diz Yves-Guyot: «d'este modo a riqueza seria proporcional ao trabalho? Ora o trabalho para procurar uma utilidade qualquer, deve ser tanto maior quanto a terra é menos fértil, quanto os nossos meios mechanicos são menos perfectos. Então a riqueza está na razão inversa da fertilidade do sólo e do progresso mecano. O meio mais seguro de chegar a ser rico seria ir lavar o Sahara e cultivar a Groenlandia.»<sup>1</sup> Ora esta conclusão, ainda que ironica, é muito pobre; mostra a ignorancia de que a riqueza depende da perfeição e não da quantidade de trabalho, ou grandeza do esforço physico. Emfim, além da clareza economica que sae da noção — de devermos ao nosso trabalho a nossa riqueza, ha a conclusão moral de não nos extasiarmos ante a abundancia de um qualquer agente natural e de não nos fiarmos, ou crermos n'um providencialismo.

Damos em Economia politica ao termo *riqueza* um sentido todo material, isto é; consideramos-a a somma de todas as cousas fornecidas pela industria humana.

O progresso industrial depende do progresso scientifico, e este tem consistido em chegar á concepção do movimento pelo estudo da materia. Na industria succede o mesmo; o homem apropria-se das cousas quasi como as encontra na natureza e só mais tarde as transforma por processos physicos e chimicos. Utilisar equilíbrios, desmanchal-os e facilitar outros novos e mais perfectos, eis o progresso industrial. E não podemos servir-nos das forças senão pelos seus equilíbrios; não podemos aproveitá-las, recebê-las, senão em equilíbrios que n'ellas se resolvam. Quando exploramos uma mina de ferro, empregamos já a quantidade de ferro, que temos em fórma de picaretas, brocas, etc. Estas, n'esta operação pelas forças que n'ellas se incidem, desintegram-se, consomem-se, desaparecem, passam a um estado diffuso, mas n'esta passagem servem-nos para adquirir novas quantidades de ferro. Com a passagem de um outro material a movimento, o carvão, fundimos esse ferro e quando este se condensa, liberta uma porção de força, que póde ser aproveitada para uma nova transformação. Pouco nos importa que a materia se torne a condensar sobre outra fórma, que o carvão de pedra não reapareça, e que o ferro não torne a apresentar-se; a direcção que leva o meio, de que somos parte, é a nossa. O ponto a notar é que, de todo o movimento que dispendemos, fica um certo deposito sob a fórma material e que é este deposito que compõe a nossa riqueza industrial ou economica. E, considerando a riqueza sem-

---

<sup>1</sup> Y.-Guyot, *La Science économique*, pag. 55.

pre material, tambem o trabalho que analysamos em Economia, é o applicado ás cousas, é o esforço physico, é o emprego irreflectido de uma vontade. De outro modo, como poderíamos avançar que o trabalho vae sendo cada vez menor? Não poderíamos fazer esta affirmação se, além do esforço physico considerassemos o trabalho intellectual. Com effeito este vae sendo cada vez maior, e segundo as pesquisas do dr. Houghton, «dispender-se-hia tanta força motriz n'um trabalho cerebral de cinco horas como n'um trabalho muscular de duração dupla, como o do calceteiro de ruas, por exemplo.»<sup>1</sup> D'onde se concluiria que, sendo preciso cada vez mais trabalho para a aquisição das cousas, estas augmentariam de valor; d'onde se seguiria uma menor recompensa para mais trabalho, o que se não dá, o que é absurdo. Mas além d'isto, o trabalho intellectual não tem por fim immediato a producção das cousas e sim nasce de uma curiosidade insaciavel do nosso espirito. Diz Augusto Comte: «seria formar das sciencias uma idéa bem imperfeita o concebê-las sómente como bases das artes. Quaesquer que sejam os serviços que tenham feito á *industria*, as sciencias têm antes de tudo, por fim satisfazer a necessidade que sente a nossa intelligencia de conhecer as leis dos phenomenos. Para sentir quanto esta necessidade é profunda e imperiosa, basta pensar nos effeitos physiologicos do *assombro* e considerar que a mais terrivel sensação que podemos sentir, é a que se produz todas as vezes que um phenomeno nos parece que não se dá conforme as leis que nos são familiares.»

«Se a intelligencia não se occupasse senão das pesquisas susceptiveis de uma utilidade pratica, immediata, achar-se-hia só por isso suspensa nos seus progressos mesmo em vista das applicações ás quaes se teriam sacrificado os trabalhos especulativos. Porque as applicações mais importantes derivam de theorias formadas n'uma simples intenção scientifica, e que muitas vezes tem sido cultivadas durante muitos seculos sem produzir nenhum resultado pratico. É assim que Condorcet pôde dizer com razão: — O marinheiro, que uma exacta observação da longitude preserva do naufragio, deve a vida a uma theoria concebida, dois mil annos antes, por homens de genio que tinham em vista simples especulações geometricas.»<sup>2</sup> Mas esta tendencia dos economistas quererem analysar o trabalho intellectual, nasce da intima ligação que ha nas tres partes da So-

---

<sup>1</sup> Gustave Le Bon, *Physiologie humaine*, pag. 451.

<sup>2</sup> *Philosophie positive*, apud resumé Jules Rig, vol. 1.

ciologia — a philosophia, a moral e a economia — e que nenhum phenomeno sociologico se pôde apreciar e estudar fóra da conexão social. « Com effeito, diz Augusto Comte, os phenomenos sociaes são connexos, o seu estudo não pôde ser separado; d'onde resulta a obrigação de considerar simultaneamente os diversos aspectos sociaes. Nenhum phenomeno social explorado por um meio qualquer, pôde ser introduzido na sciencia, em quanto fôr concebido de um modo isolado.

« Sem duvida a sciencia social poderá ser um dia subdividida com utilidade; mas o principio d'esta divisão resultará do desenvolvimento da sciencia, que não poderia ser fundada senão por um estudo de conjuncto. » <sup>1</sup> A sciencia já se dividiu, e então devemos esforçar-nos para lhe conservar e manter os seus limites sem, comtudo, esquecer as suas relações. Já vimos como o desenvolvimento scientifico influe no industrial, mas a reciproca tambem se dá. Um progresso scientifico, d'onde se possam tirar dois ou tres principios demonstrados e verdadeiros para applicar ás artes, traz um progresso industrial, uma maior riqueza, que será o germen para um maior desenvolvimento de população, e « do maior numero de individuos accumulados sobre o mesmo territorio, resulta um maior numero de probabilidades de apparecerem organizações superiores, cuja capacidade intellectual vem influir sobre a sociedade pelas invenções do genio. » <sup>2</sup> De tudo isto se pôde concluir, que em economia a riqueza é onerosa, isto é, adquirida pelo trabalho, e que no seu condicionalismo physico depende da exuberancia em agentes naturaes da região que se considera; no seu determinismo biologico depende da preponderancia nos individuos d'uma sociedade de qualquer das tres syntheses: affectiva, especulativa e activa. Assim ficam excluidas da economia as estereis questões de riquezas immateriaes, que se consideram as forças ou o desenvolvimento intellectual, e as de trabalho productivo e improductivo.

Carey ainda classifica as riquezas em *positiva* e *relativa*. A primeira é a riqueza que possui um individuo ou uma sociedade; a segunda é essa riqueza comparada com as de outros individuos ou outras sociedades <sup>3</sup>. Mas como se vê, é isto apenas um modo de comparar e não uma classificação, e para melhor a apreciarmos, voltemos ao valor.

---

<sup>1</sup> *Op. cit.*, pag. 77, vol. II.

<sup>2</sup> Th. Braga, *Systema de Sociologia*, pag. 127.

<sup>3</sup> *Op. cit.*, vol. I, pag. 216.

Vimos como o valor depende do trabalho, mas nem todos os economistas admittem esta clara verdade. Yves-Guyot diz : « Se nos collocamos no caso de Robinson esta definição é verdadeira ; mas Robinson é apenas uma excepção. Calculava o valor dos objectos pelos esforços que devia fazer para adquiril-os ; nós calculamos o valor dos objectos menos pelos esforços que devemos fazer que pelas utilidades que devemos dar em troca. » <sup>1</sup> Primeiramente ataca-se aqui Carey por individualisar. Já notámos, como a Economia e toda a Sociologia devem ser estudadas no conjuncto ; temos tambem dito e repetido, que não se podem tirar conclusões do que faz um individuo isoladamente. « Um aphorismo empirico, diz Comte, prescreve, em todo o assumpto possivel, proceder do simples para o composto ; mas a unica razão sólida é, que esta marcha convém ás sciencias inorganicas. Não se saberia, na realidade, conceber outra necessidade logica verdadeiramente commum a todas as especulações senão a obrigação de ir sempre do conhecido ao desconhecido. Esta regra prescreve tanto de proceder do composto para o simples, como do simples para o composto segundo um melhor conhecido e mais accessivel, que o outro. Existe sob o ponto de vista, uma grande differença entre a philosophia inorganica e a philosophia organica. Na primeira, onde a solidariedade é pouco pronunciada, trata-se de explorar un systema de que os elementos são mais conhecidos que o conjuncto, e são mesmo os unicos directamente apreciaveis ; o que exige que se proceda do caso o menos composto ao mais complexo. Na segunda, ao contrario, de que o homem ou a sociedade constitue o objecto, a marcha opposta é a unica racional, pois que o conjuncto do assumpto é então mais conhecido e mais accessivel que as diversas partes. No mundo exterior é o conjuncto, que nos escapa. A ideia de universo não poderá nunca tornar-se positiva, e a noção do systema solar é a mais complexa que podemos nitidamente conceber. Pelo contrario, em philosophia biologica, são os detalhes que ficam inaccessiveis ; os seres são tanto menos conhecidos quanto mais complexos e elevados são. A idéa de animal, por exemplo, é mais nitida que a idéa menos composta de vegetal e ainda o chega a ser mais á medida que nos aproximamos do homem, cuja noção constitue o ponto de partida de um tal conjuncto de noções. » <sup>2</sup> É o que temos visto com o progresso da sciencia. Já Descartes, pelo estudo do funcionalismo vital observado no con-

---

<sup>1</sup> *Loc. cit.*, pag. 61.

<sup>2</sup> *Op. cit.*, pag. 78, vol. II.

juncto, comparava os organismos com as machinas; e só depois Bichat descobriu os tecidos e ainda mais tarde se conheceu a cellula. No entanto o conhecimento precedentemente adquirido não foi infructifero; desenvolveu-se e aclarou-se com aquella descoberta microscopica, e ainda hoje nós temos a opinião fundada na pratica do estudo, que no conhecimento dos organismos se deve proceder do geral para o particular. D'aqui se vê, quanto é illusoria a pretensão de dizer: assim como em biologia se parte do estudo da cellula para o do individuo, assim em Sociologia se deve partir do conhecimento do individuo para o da sociedade, porque em sociologia dá-se o mesmo que se passou em biologia. Estudou-se e fizeram-se pesquisas historicas sem o conhecimento do individuo, porque não havia a psycho-physiologia; a constituição d'esta veio aclarar aquelles assumptos, assim como reflexamente estes hão de desenvolver aquelle conhecimento. Se os economistas conhecessem esta verdade, não cahiriam no illusorio subjectivismo proveniente de a cada passo buscarem, para demonstração das suas pretendidas leis, exemplos tirados de isoladas acções individuaes, erro este que se torna tanto mais perigoso, quanto uma sociedade está mais elevada na hierarchia do progresso. N'estas a differenciação individual, — o individualismo é cada vez maior, cada homem opéra differentemente e só se pôde achar uma harmonia no conjunto de todas essas acções, como claramente se vê nas estatisticas. Porém as inducções sociologicas encontram um bom apoio e direcção na observação das sociedades atrazadas, e n'estas essa falta de differenciação individual traz uma homogeneidade, uma semelhança em todos os séres que a compõem, e pôde dizer-se que o que faz um individuo, fazem-no todos. É isto o que muitas vezes faz Carey, recorrendo ao seu Robinson, de modo que a censura, talvez casual, de Guyot não tem fundamento.

Em segundo logar Guyot não leu Carey, porque de outra fórma veria que muitas vezes, como já mostramos no exemplo tirado de P. Smith — do pescador e do caçador, cedemos um producto que nos custou mais trabalho por outro que custou menos ao nosso semelhante, pela difficuldade que temos em fabricar esse outro, por nos faltarem os instrumentos que aquelle possui; mas que tendo ambos a mesma ajuda dos agentes naturaes, a troca se faz em termos eguaes. Depois, o dizer que avaliamos as cousas pelo que temos de dar em troca, é não vêr que estas nos custaram trabalho e que ao trocarmos, fazemos ainda e sempre comparação de trabalho com trabalho. Em terceiro logar Guyot se leu Carey, devia ter visto que como o trabalho vae sendo cada vez mais perfeito e produzindo mais, nós avaliamos um producto pelo seu *custo de reproducção*. É o que claramente se pôde inferir do que temos dito, isto é, que des-

cendo o valor das cousas e subindo o do trabalho, avaliamos n'um dado momento essas cousas pelo que nos custariam a reproduzir, custo que é por conseguinte sempre menor que o da primitiva produção. Vimos isto quando notamos a relação inversa, que ha entre o valor das cousas e a sua quantidade, ou entre capital e riqueza. «Ha doze annos, diz o já citado economista Carey, o valor annual da terra e das minas da Grã-Bretanha, incluindo a parte do clero, era calculado por Robert Peel em 47,800,000 lib., 239,000,000 fr., o que daria por uma posse de 25 annos, uma somma principal de perto de duzentos milhões de lib. st., sejam 6,000,000,000 de fr. Avaliando o salario dos operarios, dos mineiros, dos artistas e dos que dirigem os seus trabalhos, á razão de 50 lib., ou 1:250 fr. por anno, por cada individuo, a terra apresentaria então o trabalho de 24 milhões de individuos n'um só anno, ou de um milhão d'individuos durante 24 annos. »

« Supponhamos agora a Grã-Bretanha reduzida ao estado em que a encontrou Cesar; coberta de florestas impenetraveis (de que a madeira não tinha valor por causa da sua abundancia, d'onde resultava, juntamos nós, haver uma diminuta resistencia para sua aquisição), de pantanos, charneças e desertos arenosos; calculemos então a quantidade de trabalho que seria necessario para a collocar na situação em que hoje se acha, com os seus terrenos arroteados, nivelados, murados e drainados; com as suas estradas com barreiras de portagem e os seus caminhos de ferro, suas egrejas, suas escolas, seus collegios, seus tribunaes, seus mercados, seus altos fornos e seus fogões; suas minas de hulha, de ferro e de cobre, e milhares de outros melhoramentos necessarios, para pôr em actividade estas forças para o uso das quaes se paga uma renda, e verificar-se-ha que o trabalho de milhares de individuos durante muitos seculos, seria indispensavel, ainda mesmo que estivessem providos de todas as machinas dos tempos modernos, dos melhores machados e das melhores charruas; e que tivessem á sua disposição a machina a vapor, o caminho de ferro e a sua locomotiva. »<sup>1</sup> É que na época actual nós avaliamos o que está pelo custo de reprodução, e muitas cousas pela facilidade com que hoje se fazem não custariam a reproduzir. Aqui poderemos vêr que o valor geral das cousas, ou o capital, é differente da quantidade d'essas cousas ou riqueza. Com effeito certos productos, cujo custo de reprodução hoje é nullo, porque dispendem uma minima fracção de trabalho, são riquezas e não tem valor. Não os podemos tomar como simples

---

<sup>1</sup> Carey, *Op. cit.*, pag. 135, vol. I.

agentes naturaes, porque estão transformados e custaram n'outro tempo tanto trabalho, que, se as cousas voltassem á primitiva, haviamos de consumir senão tanto, pelo menos algum esforço para as reproduzir.

Mas, voltandó á comparação das riquezas, já podemos vêr, que duas nações que se avaliem, cada uma a si propria, podem achar-se com um valor identico e no emtanto uma póde ser mais rica do que a outra, porque para uma o custo de reproducção de muitas cousas é nullo. Dizemos, podem achar-se com o mesmo valor, porque a mais rica, se deixou de dar valor a muitos dos seus productos, tem outros mais modernos e perfeitos, que a mais pobre não tem, de modo que poderiam em qualquer caso, nas suas respectivas avaliações, os seus valores egualarem-se. D'aqui provém, que a mais rica ao avaliar a mais pobre acha-a com menos valor do que esta se julga, e esta ao avaliar aquella acha-a mais rica e com mais valor do que aquella julga tambem ter. Isto, que avançamos, é o que se verá d'este trecho de Carey:

«... Supponhamos que chega um navio cujo patrão deseja fructos, peixe ou carne em troca dos quaes offerece machados ou espingardas. Os nossos colonos avaliando os generos, que devem ceder, segundo a somma de trabalho que custaram pela sua reproducção, — isto é, os fructos menos que as batatas, as lebres e os coelhos menos que o gamo, — os nossos colonos, diziamos, não darão o producto do trabalho de cinco dias, em caça, se podem obter aquillo de que necessitam, por batatas que podem obter em troca do trabalho de quatro dias.

« Estimando o valor dos productos que lhes offerecem em troca dos seus, seguirão um caminho exactamente semelhante, medindo a somma de difficuldades que encontram para os obter por qualquer outro processo. »

« O fabrico de um machado grosseiro custou-lhe o trabalho de muitos mezes, e se podem obter um bom pelo mesmo preço, será mais vantajoso proceder assim do que empregar o mesmo lapso de tempo para produzir um outro machado, semelhante ao que possuem já. Todavia elles podem fabricar esses utensilios, mas não espingardas; e darão mais valor á posse de uma só espingarda, do que á de muitos machados. Por um dos objectos dariam as provisões obtidas pelo trabalho de muitos mezes; mas estariam dispostos a dar pelo outro todas as economias de um anno. »

«... O capitão do navio obteve, em troca de um machado fabricado por um operario n'um só dia, provisões que tinham exigido muitos mezes para serem recolhidas e conservadas, porque os trabalhos do operario tinham sido auxiliados pela sua intelligencia; em quanto que os colonos pobres e isolados não podiam contar se-

não com uma qualidade ao lado da qual eram excedidos pelo cavallo e muitos outros animaes, a simples força brutal.»

«Percorrendo o circulo dos actos que se praticam no mundo, acha-se o mesmo resultado. O selvagem dá as pelles de animaes, producto de muitos mezes de actividade, em troca de alguns collares de missanga, de uma faca, de uma espingarda e de uma pouca de polvora. Os polacos dão o trigo, producto do trabalho d'alguns mezes, por vestidos, producto do trabalho d'alguns dias, auxiliado pelo capital sob fórma de instrumento e de intelligencia necessaria para dirigir o seu emprego. Os Indios dão um anno de trabalho por uma quantidade de vestidos, ou de provisões, equivalente ao que nos Estados-Unidos se poderia obter n'um mez. Os italianos dão o fructo do trabalho d'um anno por menos que o mesmo trabalho não obtem em Inglaterra, em seis mezes. O operario, ajudado pelo conhecimento do seu officio obtem, n'uma só semana, tanto como o simples mau operario pôde ganhar em quinze dias.»<sup>1</sup>

Em conclusão diremos: de um lado marcham no mesmo sentido a utilidade, a riqueza, o valor do homem, do seu trabalho, do outro e n'uma direcção opposta a esta o valor das cousas, o capital — os primeiros sempre crescendo, os segundos sempre baixando.

Lisboa — Maio de 1884.

J. EDUARDO GOMES.

---

<sup>1</sup> *Op. cit.*, pag. 171 e 173, vol. 1.



## BIBLIOGRAPHIA

---

**Retalhos** — Versos, 1883-1884 — por IZIDORO MARTINS JUNIOR —  
Recife, outubro de 1884 — 52 pag.

Da brilhante mocidade brasileira attrahiu particularmente a nossa sympathia o joven poeta das *Visões de Hoje*, como o inaugurador e o mais entusiasta defensor da poesia philosophica e scientifica no Brazil. Por isso acolhemos com verdadeiro interesse todos os seus trabalhos, embora de vez em quando fiquem muito abaixo do que era de esperar do talento do moço escriptor, como por exemplo succede com algumas das poesias reunidas n'esta pequena collecção. Todavia ha nos *Retalhos* (titulo em que aliás o auctor não foi feliz) outros trechos que sobresaem pela grandeza da ideia e pelo fogo da inspiração moderna que os domina. O poeta comprehende bem o que deve ser a *Arte* nos nossos dias, inteiramente distincta da *Arte dos parnasianos* e da *Arte dos lyricos de amor*. Não desdenha comtudo do cuidado da fórma nem tão pouco do amor. Diz elle :

E nem o Amor é apenas  
A aphrodisia unctuosa  
Que vós rimaes, nas serenas  
Noites de lua saudosa.

Vates! Amar não impede  
Que sejamos uteis, fortes,  
Potentes como cohortes,  
Sonoros como harpas. Crêde!

O Amor tenhamol-o, sim;  
Cantemol-o inteiro e puro;  
Mas o laxo Amor sem fim  
Que vae da esposa ao Futuro.

Brilham n'estes *Retalhos a Deprecatio*, bella evocação á Musa da Sciencia, os versos de uma leitura confortante que o auctor intitulou *Revelações*, o lindo sonetinho *Ideal* e o soneto *Nem Deus nem Rei* com que fecha o volume e que não resistimos á tentação de transcrever :

O Deus da terra — o Rei, e Deus — o Rei dos céos,  
— Este o Protheu divino, o anthropomorpho enigma,  
— O outro, o sagrado bonzo, o imperial stigma  
Agarrado ás nações como á grilheta os réos; —

Já não merecem fé, nem oblações, nem preitos !  
— NEWTON tirou a Deus as redeas luminosas  
Com que elle audaz domava o Cosmo, as nebulosas,  
E COMTE arrebatou-lhe os rigidos preceitos

Que elle sabia impôr ás mutações da Historia !  
Assim; n'um Sol, n'um Povo, ha só a trajetoria  
Marcada pelas leis: — Gravitação, Progresso !

Isso, Deus. Quanto ao Rei, apodreceu de todo ;  
Veio a Revolução, veio Danton... E o lodo  
Das ruinas fechou-o em seu sudario espesso !

T. BASTOS.

ALBERT SAVINE, da Academia de Bellas-Lettras de Barcelona:  
**El Beso** — nouvelle, 30 pag.

Theodoro Aubanel et le nouveau théâtre provençal, 32 pag.  
Paris 1884. — E. Giraud et C<sup>o</sup>, éditeurs

São estes dois trabalhos mais um titulo valioso, que enaltece a reputação de um dos escriptores que em França se illustram na lide victoriosa em prol do moderno renascimento artistico-litterario. *El Beso* é a affirmacão brilhante de uma individualidade artistica; n'estas 30 paginas da novella condensa-se com uma concisão energica e luminosa um drama emvente, que desfecha em tragica catastrophe com rapidez fulminante, como o pontosinho negro que assoma no horisonte sereno, e cresce e se alastra pela atmosphaera limpida desencadeando de subito a tempestade.

Dois personagens só, mas capitaes, dois séros unicamente com as suas paixões em conflicto, é quanto basta para o choque de duas electricidades. O entrecho é simples, a acção decorre singela e sem artificio, subjungando a attenção com um interesse crescente. Tem o leitor diante de si um factio trivial da vida commum, o adulterio de uma rapariga caprichosa e romanescas que se casa n'um impeto da sua phantasia exaltada e extravagante, e que, vendo logo decahido o seu ideal, se desembriaga e elanguesce até perder a força de resistir á tentação. Depois o arrependimento tardio da culpada e a subita revelação do caracter do marido, que precipita um desenlace violento e original, completam o quadro traçado com mão firme e amestrada.

Nada mais trivial do que os factos em que se apoia a acção; mas na maneira de tractar e conduzir o assumpto é que se revela o temperamento artistico; é da interpretação que resalta a originalidade creadora.

A trivialidade do entrecho desaparece perante a proeminencia dos caracteres. Segundo o ponto de vista d'aquelles, que na arte querem apenas o reflexo da realidade vulgar e dos typos medios, a novella do snr. Albert Savine discordaria capitalmente das theorias do naturalismo. Não é essa a nossa comprehensão sobre este ponto de esthetica naturalista; já tivemos occasião de a manifestar e desenvolvê-la-hemos ainda em outro lugar. A nosso vêr os factos salientes e os typos proeminentes não só não podem ser proscriptos, mas pelo contrario é sobre elles que a observação deverá incidir mais profundamente; é n'elles que reside o principio vital que preserva a arte da decadencia. O que importa é que esses caracteres e phenomenos sociaes não ultrapassem os limites da verdade natural.

Na novella do snr. Albert Savine os caracteres excedem muito a craveira da vida commum, e sem esta proeminencia o desenlace, que tem um cunho de originalidade, não seria possivel, e a obra d'arte não se teria creado.

*El Beso* tem uns tragicos resaibos á violencia com que estuam as paixões meridionaes nas chronicas italianas de Stendhal n'um seculo em que a civilisação ainda é muito impotente para attenuar os resultados de um estado de barbarie.

Mas a selvaticqueza com que o castelhano implacavel impõe o suicidio á mulher amada, e a heroica decisão com que a orgulhosa adultera se submete á odienta punição, não estarão em antinomia com a suavidade de costumes da moderna civilisação?

A obra da perfectibilidade humana, através da sua evolução transformadora, ainda está longe do seu complemento; no fundo da natureza humana, em algum antro ignorado, ainda por vezes se volcanisam uns restos da primitiva bestialidade, e no momento agudo, quando a paixão actua até á temperatura do rubro-branco, o instincto irrompe através dos obstaculos da segunda natureza adquirida.

Por isso não seremos nós que duvidaremos dos modernos Othellos em plena luz do seculo XIX, mesmo nas classes em que a cultura mais adorna os impulsos da primordial selvageria; mas antes seremos levados a descer das Desdemonas que, por acto proprio, se dão em holocausto á vindicta do algoz, aguilhoado pelo ciume ou pela allucinação do ponto de honra.

---

No segundo trabalho, em que o artista cede o passo ao critico, propõe-se o snr. Albert Savine, depois de passar em rapida revista o theatro provençal a datar dos tempos trovadorescos, profundo com estudo consciencioso o drama de Theodoro Aubanel, *Le pain du péché* — a obra-prima que verdadeiramente illustra e firma os fundamentos do theatro provençal.

N'este estudo revela o auctor as suas accuradas aptidões de critico, sobretudo no modo como nos dá uma lucida comprehensão do temperamento artistico, da esthetica de T. Aubanel e das bellezas do seu primor dramatico, em que se condensam os mais finos quilates de uma alevantada inspiração artistica. Sobresahem n'este primor d'arte, a nosso vêr, scenas verdadeiramente shakespeareanas, embora na opinião do snr. Savine T. Aubanel se approxime mais de Calderon e de Rojas, concordando com Daudet que o capitula de castelhano. Em mais de um lance sublime difficil será pintar com tintas mais calidas as paixões e traduzil-as n'uma expressão mais commovente e perturbadora.

Depois de postas a toda a luz as bellezas do drama, o critico conclue, e

é a este ponto capital que pretendemos chegar, que o *Pain du péché* se póde levantar á categoria de um triumpho alcançado pelo naturalismo no theatro, não que o auctor preste obediencia incondicional a todas as theorias da moderna evolução artistica — nem isso é possivel em um genero litterario de natureza tão complexa e especial — mas porque elle se aproxima mais de Becque do que de Sardou, de Zola do que de Dumas.

Collocados n'este ponto de vista o assumpto abriria margem a largas considerações, mas, confinados pela falta de espaço, deixamos de acompanhar o snr. Savine no seu brilhante estudo ácerca da influencia da obra de T. Aubanel sobre o theatro provençal, e limitamo-nos a assignalar aos que contestam a possibilidade de adaptar ao theatro a formula naturalista o exito do *Pain du péché*.

Os triumphos successivos do naturalismo irão inoculando nos espiritos a convicção de como elle é adaptavel, considerado nos seus pontos de vista mais capitaes, a todas as manifestações do bello; a resolução do problema consiste no modo como a nova formula, na sua expressão mais synthetica, é applicavel a cada genero litterario e a cada aspecto da arte.

JULIO LOURENÇO PINTO.